

EMBLEMAS PARA A VIDA
SÃO BENTO NA OBRA DE FREI JOÃO DOS PRAZERES
BIBLIOTECA DAS CORTES
João José Alves Dias **180 ANOS MEMÓRIA EVOCATIVA**



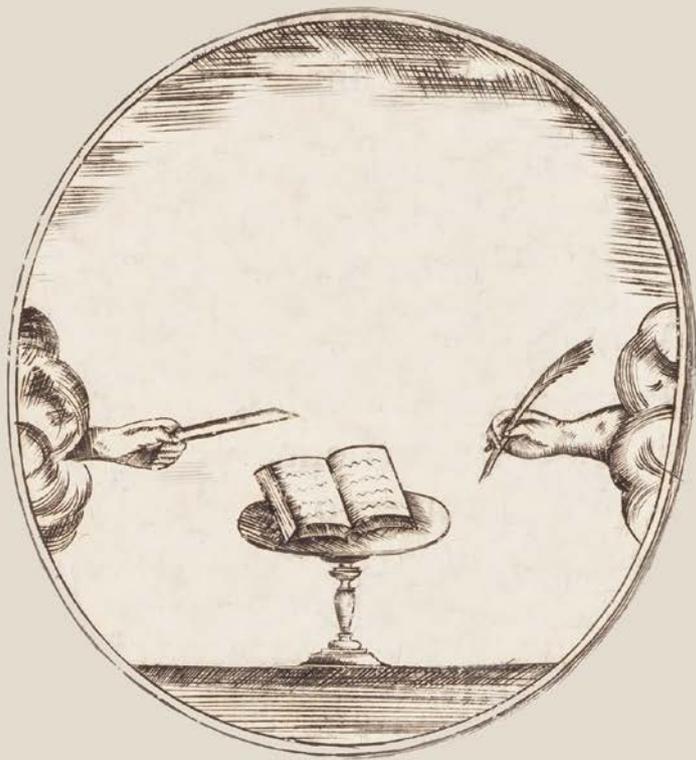
EMBLEMAS PARA A VIDA
SÃO BENTO NA OBRA DE FREI JOÃO DOS PRAZERES
BIBLIOTECA DAS CORTES : 180 ANOS

João José Alves Dias



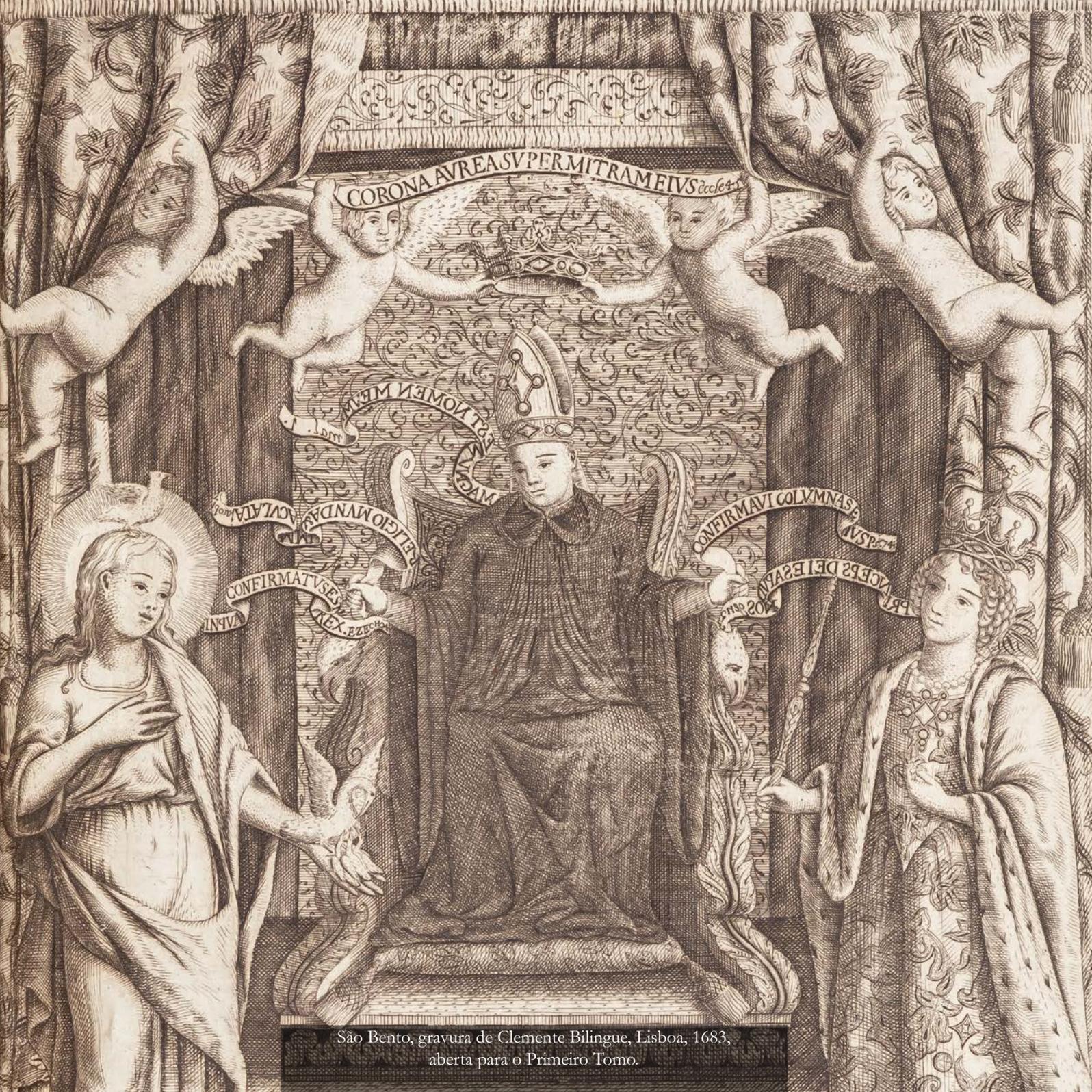
ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

BICENTENÁRIO
CONSTITUCIONALISMO
PORTUGUÊS



ÍNDICE

INTRODUÇÃO	5
IDENTIFICAÇÃO DO TOMO I	7
EMBLEMAS E LEMAS DO TOMO I	10
IDENTIFICAÇÃO DO TOMO II	85
EMBLEMAS E LEMAS DO TOMO II	88
BIBLIOGRAFIA	161



São Bento, gravura de Clemente Bilingue, Lisboa, 1683,
aberta para o Primeiro Tomo.

INTRODUÇÃO

ENTRE os livros do acervo que se encontram à guarda da Biblioteca Passos Manuel, estabelecida na Assembleia da República – que dá hoje continuidade à Biblioteca, instituída por esse estadista, em 1836, no Palácio das Cortes – existe um que destacamos pela singularidade do modo como o tema é apresentado. Trata-se da obra *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento: Sua Vida, discursada em Empresas Políticas e Predicaveis*, escrita por frei João dos Prazeres (1648-1709), monge beneditino, publicado em dois tomos, em oficinas tipográficas da cidade de Lisboa: o primeiro, no ano de 1683, com impressão de António Craesbeeck de Melo, impressor da Casa Real; o segundo, no ano de 1690, na oficina de João Galvão, quando a oficina craesbeckiana deixou de funcionar. A obra, na sua totalidade, foi planeada e escrita para ser publicada em quatro tomos: no terceiro, procedeu o autor ao remate da vida do santo patrono, enquanto que, no quarto, escreveu sobre as trasladações de suas relíquias. Embora os dois últimos volumes tivessem sido efetivamente «tirados do sono» – para completar o quarto, diz-nos Diogo Barbosa Machado¹, apenas faltou compor três empresas –, não chegaram a ser impressos.

1. Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, tomo II. Lisboa: Ignacio Rodriguez, 1747, p. 728.

A singularidade da obra que nos chegou relaciona-se com dois motivos: o ser a descrição da vida pessoal e monacal de São Bento – fundador da Ordem que instituiu o edifício base adaptado, a partir de 1836, à sede parlamentar portuguesa; e ao facto de a descrição dessas duas vidas (pessoal e monacal) ser feita recorrendo a empresas emblemáticas tripartidas – *inscriptio*, *pictura*, *scriptio*, isto é, à combinação de uma gravura, que inclui um mote, geralmente em latim, gravura essa que encima um texto que lhe dá conteúdo e forma, tornando, assim, menos obscuro todo o seu sentido. A obra constitui um dos melhores exemplos do género denominado emblemática, de entre todos aqueles que se publicaram em Portugal.

Iconografia e texto de cada empresa encontram-se codificados. O autor ousou, assim, captar o leitor para uma narrativa toda ela simbólica, chamando a atenção de que «usar da política sem virtude [...] é não ser político, porque se desvia da felicidade», como o revedor e qualificador do Santo Ofício, Mestre frei Manuel Veloso, escreve no primeiro

tomo: *Recte politicae finis, est feliciter vivere*, lembrando os ensinamentos de S. Tomás e afastando-se dos de Maquiavel². É uma obra de literatura política.

Enquadram-se os dois tomos da obra com o propósito do autor construir quer um *espelho* (primeiro tomo), quer um *tratado de educação* (segundo tomo), necessários para a formação de um *governante* – denominado, na época, de príncipe – «sendo os ditames políticos que se praticam no mundo encontrados com as ações»³ de um outro príncipe, esse então já santo, fundador de uma ordem monástica: Bento. «Repreende os erros que se praticam nas políticas do mundo, e nos acertos com que pratica as políticas que se devem observar no mundo, dá os melhores documentos a um príncipe [*a um governante*] perfeito»⁴. É como se o autor fosse um visionário, como já antes se insinuou, e ousasse imaginar que estava a construir um manual de educação política aplicado à casa onde, 150 anos depois, se instalaria a sede do poder, mostrando-nos ou lembrando-nos ou encaminhando-nos para as virtudes de que esse poder se deve revestir, em cada um dos seus elementos, em cada um dos seus governantes, que nunca deve lograr utilizar do engano: *Chegou a tão grande excesso o engano, com que o inimigo comum faz as criaturas presumirem-se adeusadas, que já lhes faz imaginar, que a sua “machavellisse” logra foros de celeste na universalidade, com que se há na circunspeção*⁵.

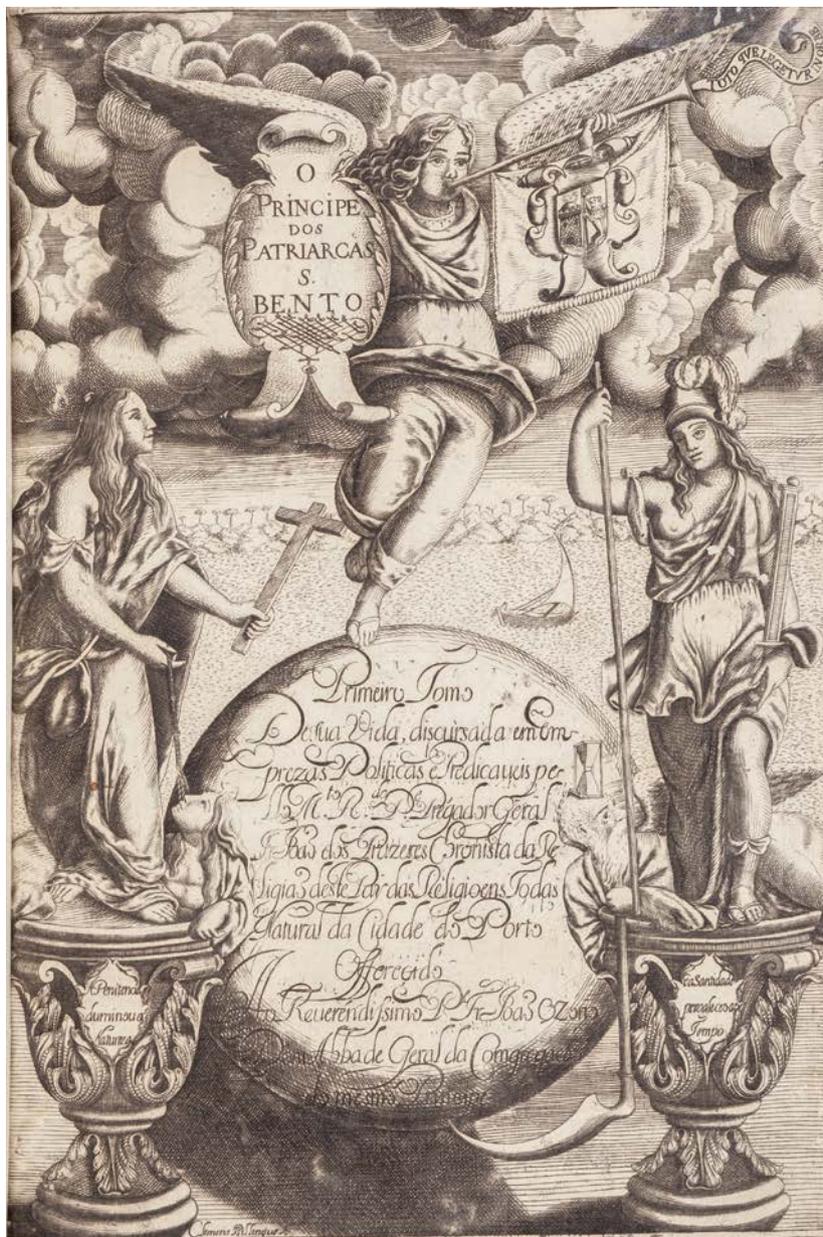
A descodificação de todos os emblemas e de todos os lemas dão sempre para a realização de muitos e variados estudos e de diferentes livros; alguns existem já, como se pode consciencializar pela bibliografia final. De todos esses livros e estudos indicados esta obra é devedora; em todos os momentos próprios as suas lições estiveram presentes para afinar as palavras e as ideias apresentadas. Todos eles se considerem amplamente citados e a todos agradeço a inspiração do trabalho.

2. «Usar da política sem virtude é praticar aforismos de “Machavelo”, não ser político, porque se desvia da felicidade a que S. Tomás ordena a verdadeira política». Censura de Manuel Veloso / João dos Prazeres – *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento: Primeiro tomo da sua vida, discursada em empresas políticas e predicaveis*. [Lisboa: Antonio Craesbeeck de Mello, 1683], fol. *3.

3. Censura de Manuel Veloso / João dos Prazeres – *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento: Primeiro tomo* [...], f. *3.

4. Censura de Manuel Veloso / João dos Prazeres – *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento: Primeiro tomo* [...], f. *3.

5. João dos Prazeres – *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento: Primeiro tomo* [...], empresa XIII, § 325, p. 133.



Portada gravada por Clemente Bilingue [Lisboa, c. 1683] para o *Primeiro Tomo*.

João dos Prazeres, O.S.B., 1648-1709

O Príncipe dos Patriarcas S. Bento: Primeiro Tomo de sua Vida, discursada em Empresas Politicas e Predicaveis / pello Muito Reuerendo Padre Prégador Geral Fr. João dos Prazeres Chronista da Religião deste Pay das Religioens Todas: Natural da Cidade do Porto: Offereçido Ao Reuerendissimo Padre Frei João Ozorio Dom Abbade Geral da Congregação do mesmo Principe. – [Lisboa : Na impressão de Antonio Craesbeeck de Mello Impressor da Caza Real [= António Craesbeeck de Melo Impressor da Casa Real], 1683]. – 424 p.

2.º. – [Ø]² *⁴ *⁴ *⁴ *⁴ [Ø]² A-Z⁴ Aa-XX⁴ Yy⁶ *⁴ *⁶. – [38, 2br.] 364 [20] p. {=424 p.} Erratas no reg.: G2 [=H2], KK1-4 [= Kk1-4].

Erratas na pag.: Ø [= 32], 72-186 [= 71-185], 197 [=186], 188-209 [=187-208].

Carateres romanos e itálicos. – títulos correntes. – reclames. – notas marginais. – portada gravada. – capitulares. – tarjas, vinhetas, cabeções e elementos decorativos. – ilustrada.

Ordem: Censura e aprovação – Tibães, mosteiro de São Martinho, 1682.01.06 / Doutor Fr. Jerónimo de Santiago.

Ordem: Censura e aprovação – Lisboa, S. Bento da Saúde, 1682.03.14 / Doutor Fr. Baltasar Pinto.

Ordem: licença – Tibães, mosteiro de São Martinho, 1682.05.01 / Fr. João Osório.

Santo-Ofício: Censura e aprovação – Lisboa, S. Domingos, 1682.06.26 / Fr. Bento de São Tomás.

Santo-Ofício: Censura e aprovação – Lisboa, S. Francisco, 1682.08.03 / Fr. Jerónimo de São Boaventura.

Ordinário: licença – Lisboa, 1682.08.11 / Serrão.

Santo-Ofício: licença – [Lisboa], 1682.08.17 / Manuel Pimentel de Sousa; Manuel de Moura Manuel; Fr. Valério de S. Raimundo; Bento de Beja de Noronha

Paço: Censura e aprovação – Lisboa, S. Domingos, 1682.08.29 / Fr. Manuel Veloso.

Paço: licença – Lisboa, 1682.09.09 / Roxas; Basto; Rego; Lampreia; Noronha; Ribeiro.

Santo-Ofício: verificação – Lisboa, S. Domingos, 1683.07.20 / Fr. Bento de Santo Tomás

Paço: verificação – Lisboa, 1683.07.21 / Manuel Pimentel de Sousa; João da Costa Pimentel.

Paço: taxa- 10.000 rs. Lisboa, 1683.08.12 / Roxas; Rego; Lampreia; Noronha; Azevedo.

ESTRUTURA DA OBRA:

vb. – imagem de São Bento. – Portada gravada. – vb. – dedicatoria. – «Rezam e defensam do titulo do liuro». – «Retrataçam eremitica». – «Rezam e defensam do titulo do liuro». – vb. – «ao leitor». – poemas encomiásticos. – licenças. - «Direççam das emprezas». – Erratas. – f.b. – texto (1-360). – poemas encomiásticos. – índice. – vb.

REFERÊNCIAS:

1747 - Barbosa Machado, II, p. 728.

1860 - Inocêncio, IV, p. 24.

1922 - Azevedo-Samodães, II, p. 184-185, n.º 2653.

1940 - Ávila-Peres, V, p. 661, n.º 6053.

1996 - JADias, Craesbeeck, p. 95.

2005 - Arouca, III, p. 413, n.º P-249.

2007 - ARepública, II, p. 127, n.º 292.

TOMO I

[DEDICATÓRIA]

Um conjunto heráldico formado por dois brasões enquadrados por um Sol resplandecente que a ambos fortalece e engrandece. O escudo central do emblema está ornado com as armas pessoais do abade geral da congregação de São Bento, Frei João Osório (1618-1683), cargo para que fora eleito em 1680. Essas armas são, por sua vez, coroadas quer pelo Sol, quer pelas armas da Ordem, sob o lema *fovet et foveetur* – promove e é promovido.

FOLHA SEGUINTE:

alegoria
FOVET ET FOVETUR

Gravura aberta a buril sem assinatura
Ao reverendíssimo padre Frei João Osório dom
Abade Geral da Congregação de São Bento

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas
S. Bento*. Tomo primeiro, Lisboa: António
Craesbeeck de Melo, 1683, p. 5.



Fovet et fovetur – Promove e é promovido.

TOMO I

[PRIMEIRA RAZÃO E DEFENSÃO DO TÍTULO DO LIVRO]

Um Sol resplandece cercado de nuvens que não deixam os seus raios chegar a uma terra inóspita, árida e agreste. O Sol – porque é Sol, *quia Sol* – vai ter por missão dissipar as nuvens.

Pretende o autor, com este emblema, lembrar que só a luz consegue dissipar as trevas.

Governa e ganha o que procura o melhor para os outros.

O bom governante faz as regras, dá as leis e estabelece a constituição que todos vão seguir. Todos os outros textos, que os precederam, devem ficar na sua sombra.

FOLHA SEGUINTE:

alegoria
QUIA SOL

Gravura aberta a buril por Francisco Gomes
[Primeira] Razão e defesa do título do livro

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas*
S. Bento. Tomo primeiro, Lisboa: António
Craesbeeck de Melo, 1683, p. [7].



Quia Sol – Porque é Sol.

TOMO I

[SEGUNDA RAZÃO E DEFENSÃO DO TÍTULO DO LIVRO]

O emblema representa uma peça de artilharia no momento do disparo com o rasto do fumo, causado pela explosão, saindo do canhão. O lema explicita: Se não lhes acerto, assusto-os!

Um texto bem engendrado e bem argumentado pode assustar aqueles que de nós têm inveja. Tentam destruir os nossos princípios e abalar os nossos conhecimentos com o pensamento de que se não nos conseguem matar, conseguem-nos assustar. Temos de tentar ter sempre segurança em toda a obra.

FOLHA SEGUINTE:

alegoria

TERREBO SI NON PERCUSSERO

Gravura aberta a buril por Francisco Gomes
[segunda] Razão e defesa do título do livro –
primeiro emblema

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas*
S. Bento. Tomo primeiro, Lisboa: António
Craesbeeck de Melo, 1683, p. [20].



F. G. F.

Terrebo si non percussero – Se não lhes acerto, assusto-os.

TOMO I

[SEGUNDA RAZÃO E DEFENSÃO DO TÍTULO DO LIVRO]

Sob o lema *Candor Illesus* – brilhante ileso ou pureza imaculada – o emblema apresenta um fogo que é aceso pelos raios do Sol que atravessam uma bola de cristal.

Alguns raios do Sol, passando por uma bola de cristal, são tão fortalecidos que, ao unirem-se, de acordo com a natureza da perspectiva, formam um feixe que incendeia o que se encontrar no seu foco; outros atravessam-no e ajudam a tornar as coisas mais cândidas.

Assim deve ser a ação do historiador (ou do cronista) que no emblema é figurado com o Sol. É ele que, com o seu olhar, com a sua escrita, atravessa a história (figurada como bola de cristal). E essa história tem de estar, para ele, bem compreendida, bem estruturada e ser verdadeira, para que o resultado possa igualmente ser puro e isento. Se assim não for, só produz deturpação da verdade e fará a destruição da obra. Da boa ou da má interpretação das obras depende o resultado final.

FOLHA SEGUINTE:

alegoria

CANDOR ILLESUS

Gravura aberta a buril por Francisco Gomes [segunda] Razão e defesa do título do livro – segundo emblema

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo primeiro, Lisboa: António Craesbeeck de Melo, 1683, p. [23].



Candor Illesus – Pureza imaculada ou brilhante ileso.

TOMO I

[AO LEITOR]

Um livro, escrito, aberto sobre uma mesa; do lado esquerdo, um braço faz pender sobre o livro uma faca; do lado direito, um outro braço faz pender uma pena de escrita.

O livro é a ciência que tem sempre sobre si o gume afiado da ignorância, a qual tenta silenciar, através da censura, aquilo que não aceita ou não compreende. A sabedoria fica gravada pela escrita que a tornará menos perene se conseguir sobreviver. Quantos aparentes erros de hoje serão verdades amanhã?; e quantas aparentes verdades de hoje não serão erros no futuro?

Só se consegue escrever de novo, com novos argumentos, se a censura o deixar. Ontem, como hoje, os revisores retiram da novidade tudo o que se afasta do seu pensamento, como se eles fossem senhores da verdade. Quando se escreve, quando se inova, tem de se estar disposto para toda a eventualidade: *ad utrumque paratus*.

FOLHA SEGUINTE:

alegoria

AD UTRUMQUE PARATUS

Gravura aberta a buril por Francisco Gomes

Ao leitor

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas*
S. Bento. Tomo primeiro, Lisboa: António
Craesbeeck de Melo, 1683, p. [27].



Ad utrumque paratus – Disposto para toda a eventualidade.

TOMO I

[EMPRESA PRIMEIRA]

Não deixa de ser curioso o paralelismo criado entre a fénix, o Sol e a gestação daquele que em vida se transformou em príncipe dos patriarcas e fundador da ordem que tomará o seu nome: Beneditina. Para algumas civilizações, a «morte» e a «ressurreição» do Sol são comparadas com a vida da fénix: ave mitológica.

A lendária fénix prepara com os mais preciosos paus o seu próprio ninho, transformando-o em sepultura onde perece pelo fogo produzido pelo bater das suas asas. Fogo esse que, em vez de tudo destruir, leva à metamorfose necessária para que das cinzas renasça a nova ave. No fogo onde todos se queimam, a fénix se cria: uma iniciação, uma nova vida!

A criança que recebeu o nome de Bento, com as dificuldades que sentiu para nascer e com os sinais que deu de vida dentro do corpo, morto, de sua mãe, incorporou, em si, todo o simbolismo de uma fénix.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico

PRIVILEGIUM MAIESTATIS

Gravura aberta a buril por Francisco Gomes.
Empresa Primeira: canta São Bento em o ventre
de sua mãe.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas*
S. Bento. Tomo primeiro, Lisboa: António
Craesbeeck de Melo, 1683, p. 1.

Não é o Príncipe obrigado à lei: São Bento
como era Príncipe foi isento da comum.



Privilegium Maiestatis. – Privilégio de Majestade.

TOMO I

[EMPRESA SEGUNDA]

Para Fr. João dos Prazeres, na revolução cósmica do nosso sistema solar, o Sol é o vivo retrato do governante, não pelo que tem de ardente, mas pelo que tem de laborioso.

«Não descansa o Sol, ainda que tem em companhia do Céu tantas sentinelas, quantas o ornem estrelas; e tantos soldados, quantos são os signos; e tão grande fortaleza, como é a Lua; senão que ele mesmo em um perpétuo giro, em que anda, vai sempre acompanhando a luminosa esquadra, que o segue: razão, por donde em seu império se não fortifica nenhum contrário» [tomo I, p. 12].

Tal como o Sol aparenta nunca descansar na sua marcha, assim o governante, como *Sol da República*, deve ser constante no seu labor de legislar e de governar: não deve nunca descansar o cetro do poder.

Deve o governante percorrer o espaço por si governado, para poder emendar os erros e conhecer os delitos. «O ócio em os vassalos faz lastimar a muitos; mas em o príncipe faz chorar a todos» [tomo I, p. 14]. Que tudo quanto fizer seja em proveito daqueles que governa e não em proveito da sua própria pessoa.

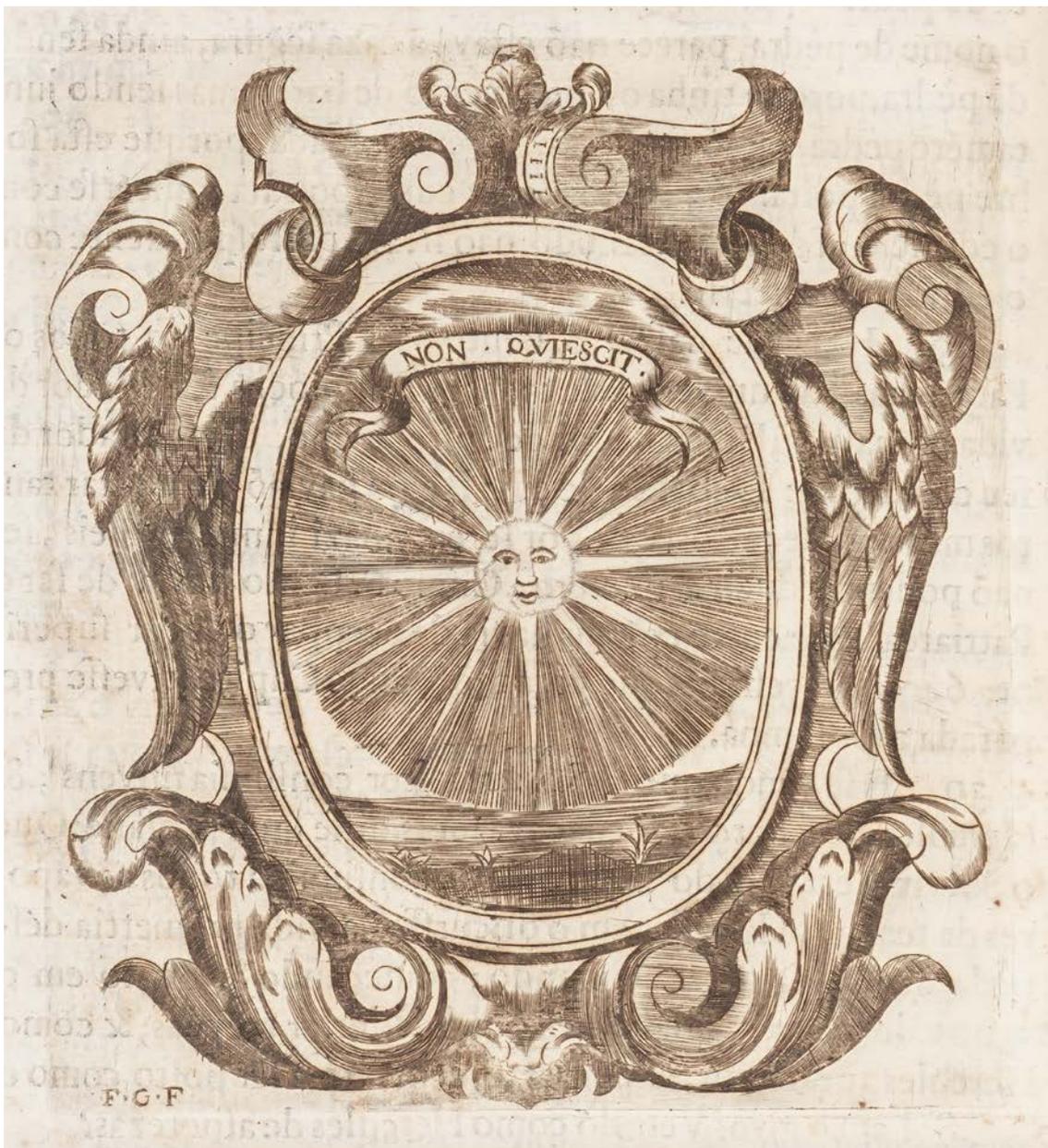
FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico
NON QUIESCIT

Gravura aberta a buril por Francisco Gomes
Empresa Segunda: canta São Bento em
o ventre de sua mãe.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas*
S. Bento. Tomo primeiro, Lisboa: António
Craesbeeck de Melo, 1683, p. 12.

O Príncipe em suas obrigações não há de ter
descanso: São Bento como era Príncipe não
descansou nelas.



Non Quiescit. – Não descansa.

TOMO I

[EMPRESA TERCEIRA]

«Costume era entre os Egípcios o terem bordado em o dossel, onde presidia o príncipe que os dominava, a um pessegueiro com suas folhas, acompanhado com esta frase: *quid securius?* E o pessegueiro ao modo de coração e suas folhas à maneira de línguas» [tomo I, p. 24].

E o seu propósito era recordar que não havia coisa mais segura no poder, nem que mais o eternizasse, *do que só com o próprio coração falar a língua do príncipe.*

Porém, o governante deve ter em atenção de que é pelo que diz que se conhece a sua virtude e o seu defeito; se nunca deve faltar com o seu conselho, também nunca deve falar em abundância, porque falar muito lhe nega a prudência. O bom governante sabe guardar os seus segredos.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico
QUID SECURIUS?

Gravura aberta a buril por Francisco Gomes
Empresa Terceira: canta São Bento em o ventre
de sua mãe.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas
S. Bento*. Tomo primeiro, Lisboa: António
Craesbeeck de Melo, 1683, p. 24.

A guarda do segredo há de ser todo o cuidado
do príncipe: São Bento como o foi, teve nele
a maior cautela!



Quid Securius? – O que há de mais seguro?

TOMO I

[EMPRESA QUARTA]

Os Homens no mundo podem comparar-se às plantas num campo: se umas têm quem as cuide e regue, outras morrem sem cuidados e com sede.

As plantas e os frutos aparentam ser todos iguais no seu propósito de ornamentar e de alimentar; contudo, aquelas que prometem mais flores e mais frutos, o jardineiro ampara com maior cuidado.

Embora o bom governador deva amparar a todos por igual, deve saber escolher entre eles aqueles que merecem mais cuidados. Assim aconteceu com São Bento e Santa Escolástica, irmãos gémeos, filhos de uma mesma mãe: a Santa Abundância. Se ambos foram santos, apenas um foi «Príncipe».

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico
NEQUE OMNIBUS

Gravura aberta a buril sem assinatura
Empresa Quarta: canta São Bento em o ventre
de sua mãe.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo primeiro, Lisboa: António Craesbeeck de Melo, 1683, p. 23 [= 32].

Há de o Príncipe para os lugares de escolher os de maiores prendas, e os mais ilustres: donde se acha que, por isso, Deus elegeru a São Bento em Príncipe, porque São Bento antes de nascer tinha os requisitos.



Neque Omnibus. – Não é para todos.

TOMO I

[EMPRESA QUINTA]

O Sol resplandecente – que coroa a imagem – lembra a luz pura a partir da qual foi formado.

A planta, um arbusto de textura lenhosa, sem folhas, mas com flores radiosas em cada um dos seus ramos – e que é a alma desta empresa –, lembra a impureza da matéria a partir da qual foi formada.

Nessa planta, conforme as flores se vão desenvolvendo, o tronco perde toda a sua folhagem. «Aurora» é o nome com que é designada. Com o Sol, as flores, de que a planta é ornada, ganham beleza e aparentam ser o único elemento vivo daquele tronco espinhoso que o mesmo astro, com o seu calor, aparentemente secou.

O Sol aparta as sombras; enquanto nas outras plantas sustenta as flores, com as folhas, só nesta destrói a sombra e conserva a Luz.

Assim nasceu a criança que foi o fundador de uma nova ordem, Bento, dado sua mãe ter morrido no parto de sua irmã gémea, antes de ele nascer.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico

UT ILLUSTRIORES MANEANT

Gravura aberta a buril por Francisco Gomes
Empresa Quinta: morre a mãe de São Bento
de parto.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas*
S. Bento. Tomo primeiro, Lisboa: António
Craesbeeck de Melo, 1683, p. 46.

Não há de o Príncipe admitir defeito no Ilustre:
assim se houve Deus com São Bento, porque
era seu Príncipe.



Ut Illustriores Maneant. – Para que permaneçam ilustres.

TOMO I

[EMPRESA SEXTA]

Um livro – representação da lei, qualquer lei – é o centro da empresa.

Sobre uma mesa, subordinada a esse livro, símbolo da lei, encontram-se uma coroa e um cetro, símbolos do poder de qualquer governante.

A mensagem é clara: todo e qualquer bom governante tem de se sujeitar à lei que promulga. Com essa prática obtém o respeito da República, porque esta só estima aquele que a serve.

Ao governante é necessário sentir o peso da lei, pois só assim sabe o quanto é necessário diminuir ou aumentar para ter o respeito de todos; para saber se é justa.

Dentro de um edifício religioso de uma ordem, o coro é o lugar físico onde a comunidade louva o seu Deus, o seu Senhor. Assim o Príncipe dos Patriarcas começa por criar a Regra – a da vida monástica comunitária – a que ele próprio se sujeita; em que ele próprio é súbdito. Ele próprio nasce para a ordem debaixo desse mesmo «coro» e só assim governa.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico
TUNC IMPERAT

Gravura aberta a buril sem assinatura.
Empresa Sexta: nasce São Bento debaixo
do coro de uma igreja.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas*
S. Bento. Tomo primeiro, Lisboa: António
Craesbeeck de Melo, 1683, p. 57.

É o exemplo do príncipe a lei mais bem
observada dos vassallos: São Bento como nascia
Príncipe, logo quando nasceu se mostrou
exemplar.



Tunc Imperat. – Então Governa.

TOMO I

[EMPRESA SÉTIMA]

Uma nuvem e um raio, que se dirige a partir dela sobre a terra, são os principais símbolos a reter desta empresa. O objetivo é acentuar que, no começo de uma trovoada, o raio aparenta dirigir-se para o cume da montanha e não para o vale; o raio procura sempre o ponto que está mais elevado. Ao verem os raios cair na montanha, os que se encontram no vale tentam colocar-se a coberto dessa tempestade.

Serve esta empresa de advertência ao bom governante: *o castigo executado no humilde não serve de exemplo ao ilustre*; mas, vendo-se o castigo aplicado a um ilustre, todos o temem.

A lei deve ser acatada e respeitada por todos desde o momento da sua promulgação.

Os sinais que São Bento deu antes de nascer, dentro do ventre do cadáver de sua mãe, não tiveram necessidade de ser repetidos no momento em que nasceu para a igreja. Foi sempre forte na adversidade.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico

FORTIOR IN ADVERSIS

Gravura aberta a buril sem assinatura.

Empresa Sétima: rezam porque não cantou São Bento quando nasceu.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo primeiro, Lisboa: António Craesbeeck de Melo, 1683, p. 65.

O castigo executado no mais poderoso, testemunha o valor do Príncipe: as forças de São Bento foram de Príncipe, porque no mais alentado deixou o testemunho.



Fortior in Adversis. – Forte na adversidade.

TOMO I

[EMPRESA OITAVA]

A lenda que envolve o «nó górdio» é o que se encontra figurado na oitava empresa; como resolver um problema complexo de maneira simples e eficaz.

Alexandre, *o Grande*, recorreu à espada e cortou o nó que ninguém conseguia desatar, exclamando: «Tanto monta».

Mas nem sempre é necessário cortar o nó.

Face a um texto que afirmava que o «canto» da criança, dentro do ventre cadáver da sua mãe, era apenas uma manifestação da natureza, contrapõe o autor que com esse sinal se venceram as forças da natureza: a criança nasceu.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico

NEC SEMPER TANTO MONTA

Gravura aberta a buril por Francisco Gomes.

Empresa Oitava: resposta a um papel.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo primeiro, Lisboa: António Craesbeeck de Melo, 1683, p. 70.

Responde-se a um papel em que negava, o Autor dele, ser o cantar de São Bento nas entranhas de sua Mãe feitos da graça.



Nec Semper Tanto Monta. – Nem sempre tanto faz.

TOMO I

[EMPRESA NONA]

O desenho recorda a lenda de que os pelicanos, animais especiais e zelosos, quando não têm alimento para os filhos, picam o próprio peito e alimentam-nos com o seu sangue. Constitui, com esse ato, o símbolo da doação e do sacrifício pelos outros.

As manifestações *espirituais* que se fizeram sentir para assinalar a presença da criança – ainda sem *anima*, no cadáver de sua mãe – também tiveram de se manifestar, alimentando-o e mantendo-o vivo, durante esse período.

Tal como o pelicano que, ao não ter alimento, dá o seu corpo para manter vivos os filhos, a criança conseguiu congregar em si, ainda antes de nascer, as forças *espirituais* que lhe permitiram combater todas as adversidades.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico

NUTRIAT PRIUS QUAM NUTRIATUR

Gravura aberta a buril por Francisco Gomes. Empresa Nona: recebe São Bento, quando de peito, o maior favor da Virgem Maria.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo primeiro, Lisboa: António Craesbeeck de Melo, 1683, p. 78.

Tem o Príncipe, para ser bem servido, de obrigar ao Vassalo, antes que o ocupe. Assim o fez a Virgem Puríssima a São Bento, antes que a servisse.



Nutrit Prius Quam Nutriatur. – Antes alimentar do que ser alimentado.

TOMO I

[EMPRESA DÉCIMA]

O aro do anel, o ouro, aparece sustentado pela mão humana; como símbolo da matéria, é formado pelo metal mais precioso. O adorno do anel, o diamante, aparece sustentado pela mão divina; como símbolo da sabedoria, é formado pela pedra que mais se estima. A faculdade intelectual que o Humano demonstra era, à época, considerada uma das principais manifestações divinas e espirituais.

O poder – que o bom governante manifesta perante os seus súbditos – deve resultar da conjugação da boa formação material (educação) e da boa formação espiritual (sabedoria).

O anel – formado pelo aro e pelo adorno – constitui o símbolo dos poderes e saberes que se encontram congregados numa mesma pessoa.

De pouco serve o poder quando é detido sem sabedoria. O poder tem de ser útil a todos. E tudo isso se conjugou na formação de São Bento.

FOLHA SEGUINTE:

cabecão alegórico
SCINTILLAT, ET COLIT

Gravura aberta a buril por Francisco Gomes. Empresa Décima: vai São Bento a Roma para os estudos.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo primeiro, Lisboa: António Craesbeeck de Melo, 1683, p. 83.

Mostra-se o tempo conveniente para ocupar a dignidade: prova-se com o tempo em que Deus quis manifestasse São Bento a todo o mundo o senhorio.



Scintillat, Et Colit. – Brilha e cultiva.

TOMO I

[EMPRESA DÉCIMA PRIMEIRA]

Uma Lua – que não figura em nenhuma das suas fases comuns – ilustra esta divisa para lembrar que, na natureza, tudo tem uma ordem e uma época para acontecer. Durante o ciclo lunar, o brilho que começa fraco atinge o máximo ao meio e torna a diminuir no seu fim.

Assim também é o ser humano. Só a meio da sua vida está na plenitude das suas faculdades. O Homem, na sua primeira fase de vida, embora esteja cheio de força, ainda não detém os conhecimentos suficientes para governar; na última fase, embora detenha os conhecimentos, falta-lhe a força.

O ser humano primeiro vê a Luz mas não a compreende; depois aprende o que é a Luz mas ainda a não domina; por fim apreende o que é a Luz, compreende-a e aplica-a. Se a não souber bem transmitir, a Luz acaba por se extinguir.

FOLHA SEGUINTE:
cabeção alegórico
DONEC IMPLEATUR

Gravura aberta a buril por Francisco Gomes.
Empresa Décima Primeira: circunstâncias do tempo em que São Bento manifestou o senhorio.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo primeiro, Lisboa: António Craesbeeck de Melo, 1683, p. 98.

A Sabedoria é o que ilustra a Púrpura: o cetro de São Bento foi o mais luzido, porque São Bento foi o mais sábio.



Donec Impleatur. – Até que se complete.

TOMO I

[EMPRESA DÉCIMA SEGUNDA]

Uma árvore com flores e frutos; uma mão com uma vara que a parece varejar.

O fruto de uma árvore – a árvore da sabedoria que, miticamente, se situava no centro do jardim do Paraíso – está no pensamento de frei João dos Prazeres ao escrever a divisa: «Ne fructus noceat» – que o fruto não te seja nocivo, que não te cause dano.

Nem sempre as árvores com o melhor porte, nem as detentoras da melhor madeira, são adornadas com as flores mais formosas ou produzem os frutos mais saborosos.

Não basta ser detentor da sabedoria, ou do poder, para governar. O perfeito príncipe deve conjugar em si as virtudes que lhe permitam: a brandura para com os humildes; o rigor para com os ilustres; o neutralizar do vicioso; o sustentar dos timoratos; o alentar dos oprimidos; comportar-se como um pai para os seus súbditos e, deles, receber o respeito.

FOLHA SEGUINTE:

cabecão alegórico
NE FRUCTUS NOCEAT

Gravura aberta a buril sem assinatura.
Empresa Décima Segunda: deixa São Bento a Roma, e foge para Enfide (atual Affile).

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo primeiro, Lisboa: António Craesbeeck de Melo, 1683, p. 111.

Da virtude do príncipe nasce toda a estimação da Coroa: a de São Bento foi superior, porque em santidade era com excesso.



Ne Fructus Noceat. – Que o fruto não te cause dano.

TOMO I

[EMPRESA DÉCIMA TERCEIRA]

O arminho, alma desta empresa, antes se sujeita à morte, do que mancha a sua alvura. Esta é, em síntese, a explicação que o autor dá, lembrando a lendária peculiaridade deste animal: se estiver acuado e a sua única possibilidade de fuga for pela lama, ele deixa-se antes capturar, em vez de fugir.

Uma particularidade desta empresa é o ser escrita em língua portuguesa, a única entre as trinta deste primeiro tomo. Talvez por decoro, evitando o sentido fonético da frase latina: *Malo Mori Quam Foedari - Antes a morte que a desonra.*

A pureza faz parte do carácter de um bom governante. E essa pureza deve estar patente ao ato de legislar. Deve lembrar que quem observa o governo – os seus atos e os seus decretos – não tem por ele a mesma estima daquele que o governa. Assim, tanto a lei, como o governo, devem ter sempre, por base, a pureza.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico

ANTES MORRER QUE MANCHAR

Gravura aberta a buril por Francisco Gomes. Empresa Décima Terceira: que fez São Bento em deixar o mundo?

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo primeiro, Lisboa: António Craesbeeck de Melo, 1683, p. 128.

Têm os Príncipes de faltar a toda a razão de estado, e conveniência própria por não quebrantar a lei Divina: São Bento, que era Príncipe, assim o fez.



Antes morrer que manchar.

TOMO I

[EMPRESA DÉCIMA QUARTA]

A imagem de um pavão, pavoneando-se, com a sua cauda aberta, lembrando as matrizes várias de que é colorida, sobre uns pés desproporcionados e feios, é usada para lembrar que *o defeito faz ruir a construção*.

Tal como o alicerce é a base que suporta a obra, assim a juventude é a principal idade para a formação do bom governante. «É a puerícia a fundamental pedra sobre que assenta o edifício da restante duração do homem» [tomo I, p. 143].

Se o estudo e a aprendizagem são necessários em toda a vida, é na infância que se fazem sentir em maior falta.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico
DEFECTUS EXANIMAT MOLEM

Gravura aberta a buril sem assinatura.
Empresa Décima Quarta: ilustra São Bento
seus princípios em seu desprezo.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas*
S. Bento. Tomo primeiro, Lisboa: António
Craesbeeck de Melo, 1683, p. 142.

A criação do Príncipe há de ser a mais perfeita:
por isso os exórdios de São Bento foram os
mais luzidos.



Defectus exanimat molem. – O defeito faz ruir a construção.

TOMO I

[EMPRESA DÉCIMA QUINTA]

Um castor livrando-se do supérfluo.

Tomando como base a fábula de Esopo, a empresa é explicada com a seguinte frase: «Perseguido se vê o castor dos cães que o seguem. Mas conhecendo, por particular instinto, que a causa de ser lícitado é a virtude que em si tem, corta a parte onde ela reside; e comprando a vida a preço de dores, então, é deixado quando de si é verdugo» [tomo I, p. 160].

O que denuncia, aos depredadores, a presença do animal é o cheiro que advém do seu corpo, o castóreo, que é secretado com uma dupla finalidade: impermeabilizar o pelo e marcar o território. Ao libertar-se do cheiro, segue o seu rumo. Na verdade, o castor não se castra, apenas, prudentemente, se lava com a sua própria boca, para anular o cheiro e despistar os perseguidores.

Advém desta lenda a **prudência** que um bom governante deve ter; deve abster-se, ou libertar-se, de toda e qualquer coisa temporal que o faça perder.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico
SCIENTER NESCIUS

Gravura aberta a buril por Francisco Gomes.
Empresa Décima Quinta: sabe São Bento mais,
quando sabia menos.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas*
S. Bento. Tomo primeiro, Lisboa: António
Craesbeeck de Melo, 1683, p. 158.

A Prudência é a púrpura da Majestade:
por isso São Bento a teve perfeita.



Scienter Nescius. – Doutamente ignorante.

TOMO I

[EMPRESA DÉCIMA SEXTA]

Uma lucerna e um castiçal, ambos aguardam pela vela que sofre a ação do vento.

A luz colocada diretamente sobre o castiçal ilumina mais, sem dúvida, mas sofre a ação do vento que a pode extinguir; colocada dentro da lucerna fica ao abrigo da ação do vento, mas o seu poder de iluminação fica enfraquecido. A escolha mais acertada é escolher o menor risco, dado que ter uma luz enfraquecida é melhor do que não ter nenhuma luz.

O bom governador, em vez de procurar ser invencível, deve cuidar de ser sempre vencedor.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico
NE EXTINGUATUR

Gravura aberta a buril sem assinatura.
Empresa Décima Sexta: porque fez São Bento a fugida?

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo primeiro, Lisboa: António Craesbeeck de Melo, 1683, p. 176.

Tem o Príncipe de escolher o menor dano: São Bento como era Príncipe fez a mesma escolha.



Ne Extinguatur. – Não se extinga.

TOMO I

[EMPRESA DÉCIMA SÉTIMA]

Uma garça voa junta da nuvem causadora da tempestade que desaba sobre um campo.

«Não se dá a garça por livre da chuva, com se amparar dela, senão só com dominar as nuvens; são estas a fonte da inundação e só a elas trata de dominar a ave» [tomo I, p. 188]. Com estas palavras lembra o autor a mensagem do emblema: *ao governante não é pouco valor o vencer o sucesso, mas é maior valentia senhorear o motivo que proporcionou esse sucesso.*

O bom governante deve atacar as causas e não os efeitos. Prudência e contemplação são as virtudes de que se deve revestir aquele que queira fazer face à instabilidade da fortuna, agindo com segurança, pois nela reside um dos maiores fatores da estabilidade.

Assim procurou fazer o jovem Bento quando decidiu afastar-se de Roma.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico
NE SUCCUMBAT

Gravura aberta a buril por Clemente Bilingue.
Empresa Décima Sétima.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo primeiro, Lisboa: António Craesbeeck de Melo, 1683, p. 188.

Da causa tem o Príncipe de alcançar vitória:
São Bento, como era Príncipe, não quis só
triunfar dos efeitos.



Ne Succumbat. – Não sucumba.

TOMO I

[EMPRESA DÉCIMA OITAVA]

Um cofre com alguns cordões de metal precioso, mas não plenamente cheio, constitui o cerne do emblema.

Lembra a prudência económica que é necessário um governante ter para não comprometer as possibilidades económicas, com gastos excessivos.

A prodigalidade de um governante pode advir-lhe quer por gastar de forma desmedida, quer por oferecer de forma abundante.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico

CONTEMNITUR LARGITATE

Gravura aberta a buril por Francisco Gomes. Empresa Décima Oitava: segue o mundo a São Bento quando fugiu de Roma, e o que sucedeu ao mundo na jornada.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo primeiro, Lisboa: António Craesbeeck de Melo, 1683, p. 200.

O ser pródigo faz com que na ocasião do empenho se veja necessitado o Príncipe: o mundo mostrou esta verdade quando quis seguir a São Bento.



Contemnitur Largitate. – Desprezado na grandeza.

TOMO I

[EMPRESA DÉCIMA NONA]

Uma vela, que não irradia luz alguma e é consumida pela chama acesa na sua base, marca a sua presença, de autodestruição, em oposição à luz do Sol, que mesmo sem estar presente, manifesta os seus efeitos na natureza que ajuda a florescer.

A chama invertida não ilumina e extingue rapidamente a cera que a alimenta. O Sol, com a sua luz ordenada, marca o ritmo do progresso.

O governante deve usar de toda a providência política, procurando não oprimir os governados com tributos desnecessários; quando determinar impostos, estes não devem parecer ser ambição, mas antes diligência. A providência deve ser sempre oposta à avareza.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico
INOPIA EX ABUNDANTIA

Gravura aberta a buril por Francisco Gomes.
Empresa Décima Nona: ruína e desengano
do mundo.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas*
S. Bento. Tomo primeiro, Lisboa: António
Craesbeeck de Melo, 1683, p. 210.

A avareza deserda o Príncipe da estimação
dos Vassalos: em o mesmo sucesso o mostra
o mundo.



Inopia ex abundantia. – Escassez na abundância.

TOMO I

[EMPRESA VIGÉSIMA]

Um camelo, dromedário, mete o casco, de uma das patas, num jorro de água.

O desenho do animal que acalma a sede com o molhar do seu corpo pode emprestar outros significados ao emblema. O principal advém-lhe da leitura da Bíblia: «o camelo, embora rumine, não tem casco fendido; considerem-no impuro» (*Levítico* 11:4).

Sendo o camelo «impuro», no ato de molhar a pata podem, ainda, estar presentes duas ações, aparentemente contraditórias: com o seu corpo suja a água, por mais pura que ela seja; ou, com a água pura tenta retirar de si as «impurezas» presentes nas suas patas. Em ambos os casos se podem lembrar todos aqueles que, no quotidiano das suas ações, são contenciosos.

O governante nunca deve ser mal informado, nem por natureza ser contencioso.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico
CONGLOBAT VERITAREM

Gravura aberta a buril, não assinada.
Empresa Vigésima: o que sucedeu ao pai de São Bento quando soube da sua fuga.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo primeiro, Lisboa: António Craesbeeck de Melo, 1683, p. 222.

Ser o Príncipe austero, faz com que se lhe oculte a verdade: o Pai de São Bento o confirma, no que lhe sucedeu, quando lhe levaram a nova, de que seu filho era fugido de Roma.



Conglobat Veritatem. – Acumula a verdade.

TOMO I

[EMPRESA VIGÉSIMA PRIMEIRA]

Uma águia jovem voa de cabeça erguida, levando nas garras um bezerro.

A águia só se torna autónoma quando consegue voar alto, olhando o Sol, e ter as forças necessárias para transportar a comida, que caçou; para isso, teve de se exercitar, desde que nasceu.

Será bom governante aquele que for contemplativo enquanto não tiver o poder, aprendendo, com pensamentos puros, a ter a sua autonomia e a saber ser independente. Assim, será animoso desde o primeiro momento. Porque aquele que detém o poder, ou lá chega apenas por ambição, é como a águia que, ao querer voar, cai, quer por não conseguir suster o peso da sua caça, quer por não conseguir voar olhando o Sol.

O governo exerce-se desde o momento em que é tomado pelo bom governante.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico

DISCERNITUR PRINCIPIIS

Gravura aberta a buril por Francisco Gomes. Empresa Vigésima Primeira: faz São Bento o primeiro milagre em Enfide (atual Affile).

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo primeiro, Lisboa: António Craesbeeck de Melo, 1683, p. 231.

No princípio do governo tem o Príncipe de se mostrar logo animoso, para ser respeitado: São Bento no trono logo se mostrou gigante, para se estimar Príncipe.



Discernitur Principiis. – Distingue-se pelos princípios.

TOMO I

[EMPRESA VIGÉSIMA SEGUNDA]

Um escudo metálico em que se reflete parte do brilho que recebe.

Pode ser difícil conseguir fazer com que um escudo de ferro tenha luzimento sem o trabalho constante de o polir, porque de pouco lhe dura a alvura.

Quase sempre o bom governante começa a ter escolhos no seu trabalho se se não preparar com disciplina, método e conhecimento.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico

LONGO SPLENDESCIT USU

Gravura aberta a buril por Francisco Gomes.
Empresa Vigésima Segunda.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo primeiro, Lisboa: António Craesbeeck de Melo, 1683, p. 244.

É natural do Príncipe não esperar por tempo para luzir: São Bento como era Príncipe não esperou pelos anos para lustrar.



Longo Splendescit Usu. – A continuação do uso faz brilhar.

TOMO I

[EMPRESA VIGÉSIMA TERCEIRA]

Um crivo suspenso – no umbral de uma edificação, como lugar obrigatório de passagem – lembra que tudo deve ser sempre objeto de um crivo.

Ninguém deve querer o poder (ou ajudar no seu governo) senão pela honra que é governar.

Por prudência, deve o governante tomar conselho; mas, de todos os conselhos, deve saber discernir quais são os melhores para a República, para o bem comum. O bom governante tem de saber comportar-se, sempre, como um crivo – cuja principal finalidade é separar o trigo do joio.

A prudência do governador começa em saber escolher bem os seus conselheiros e os seus colaboradores, pois todo «o bom sucesso depende do bom conselho» [tomo I, p. 261].

FOLHA SEGUINTE:

cabecão alegórico

REGIMINIS DECUS ET LEVAMEN

Gravura aberta a buril por Francisco Gomes. Empresa Vigésima Terceira: fica à porta da Capela de São Pedro o crivo, que São Bento uniu.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo primeiro, Lisboa: António Craesbeeck de Melo, 1683, p. 255.

As qualidades que há de ter o sujeito a quem o Príncipe escolher para valido: confirma-as o Príncipe da Igreja, em deixar por seu valido ao Príncipe dos Patriarcas.



Regiminis Decus et Levamen. – O ornamento e a alavanca do governo.

TOMO I

[EMPRESA VIGÉSIMA QUARTA]

Um vaso de mármore – onde indevidamente nasceu uma árvore, uma figueira – é quebrado pela força das raízes que se extravasam, pelas fendas, para o seu exterior.

Para ser eterno, um mausoléu deve ser feito de mármore, dada a impenetrabilidade e a solidez desta pedra; mas, por vezes, um descuido pode precipitar a sua destruição.

Como o mármore, deve um bom governante conseguir resistir à soberba, à lisonja, à ambição e à corrupção.

No comportamento do bom governante se confirma a firmeza do reino.

FOLHA SEGUINTE:

cabecão alegórico

ETIAM MARMOREA FINDIT

Gravura aberta a buril por Clemente Bilingue. Empresa Vigésima Quarta: fuge São Bento de Enfide (atual Affile) para Subiáco.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo primeiro, Lisboa: António Craesbeeck de Melo, 1683, p. 273.

A vanglória faz perder a regalia: por isso São Bento fugiu de Enfide (atual Affile) aos aplausos do mundo.



Etiam Marmorea Findit. – Também o mármore quebra.

TOMO I

[EMPRESA VIGÉSIMA QUINTA]

Duas colunas, coroadas – sobre a da esquerda a coroa imperial; sobre a da direita a coroa real – flutuam sobre um mar. As colunas são enlaçadas por uma bandeirola onde se pode ler «*non plus ultra*».

Marcação de limite: de um mundo terreno ou de um mundo espiritual? Ambos são possíveis no contexto dedicado ao bom governante e a São Bento. Mas, louvável é ir além de onde os outros chegaram. O limite deixa, pois, de ser o horizonte e torna-se, antes, o ponto de partida. Marcar um limite deve constituir um estímulo para fazer sucessivas escalas.

Todo o governante deve ter a ambição de glória. Quando chega a um fim, deve – com brio, com conhecimento e com boas palavras – avançar, pois nunca pode deixar triunfar a ociosidade. A fama adquire-se. Por isso as duas colunas não têm coroas iguais.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico

HINC INCIPIT LAUS NON PLUS ULTRA

Gravura aberta a buril por Francisco Gomes.
Empresa Vigésima Quinta.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo primeiro, Lisboa: António Craesbeeck de Melo, 1683, p. 284.

Não é de príncipe chegar com as obras onde chegaram muitos; senão o principiar por onde acabaram todos: assim o fez São Bento na virtude porque era Príncipe na santidade.



Hinc Incipit Laus Non Plus Ultra. – Aqui começa o louvor e não mais além.

TOMO I

[EMPRESA VIGÉSIMA SEXTA]

Uma roseira, formando um ramo vistoso, constitui o elemento principal (e quase único) desta empresa. Os três ramos com flores que saem, de um unário pé, contrastam com o tronco espinhoso que não apresenta nem as virtudes, nem as qualidades da rosa.

Deve o governante lembrar que, para tudo, é necessária a perseverança. O tronco espinhoso soube servir de suporte às bonitas rosas.

Não é da aparente perfeição exterior que nascem as melhores obras, mas sim da força e da qualidade interior. A vaidade exterior *versus* virtude interior.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico
ORNAT INTUS, ET EXTRA

Gravura aberta a buril por Francisco Gomes.
Empresa Vigésima Sexta: lança romano
a São Bento o hábito de monge.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas*
S. Bento. Tomo primeiro, Lisboa: António
Craesbeeck de Melo, 1683, p. 297.

O ornato do Príncipe há de corresponder
à Majestade: Em São Bento se conformou
com a virtude.



Ornat Intus, et Extra. – Adorna no íntimo e no exterior.

TOMO I

[EMPRESA VIGÉSIMA SÉTIMA]

Um chafariz, aparentemente de mármore, em que a água – que é projetada, em repuxo, quer para o alto, quer para os lados – cai dentro de uma primeira bacia circular, constitui o motivo deste emblema.

A água consegue subir, quando pressionada pelo seu próprio peso, até à altura da sua própria origem. A água, quanto mais oprimida, mais alto chega.

São Bento, ao ter estado três anos enclausurado numa caverna, conseguiu chamar a si a natureza e as forças de que necessitou para ordenar a sua Regra, e chegar onde as outras ordens não tinham conseguido chegar.

Assim, o bom governante deve aprender a fortalecer-se na adversidade. As suas decisões devem ser todas ponderadas.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico
QUO PRESSA ALTIUS

Gravura aberta a buril sem assinatura.
Empresa Vigésima Sétima: sepulta-se
São Bento numa cova.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo primeiro, Lisboa: António Craesbeeck de Melo, 1683, p. 308.

A resolução do Príncipe quanto deve primeiro ser premeditada: São Bento o ensinou ao se sepultar numa cova.



Quo Pressa Altius. – Quanto mais pressão, mais alto.

TOMO I

[EMPRESA VIGÉSIMA OITAVA]

Um cavalo bem cuidado, bem tratado e bem engalanado.

O mote dá o reforço necessário para a boa interpretação: um sem o outro não conta.

Só serás um bom cavaleiro se tiveres um bom cavalo. Se tratares bem o teu cavalo, ele não te deixará ficar mal.

O amor próprio só triunfa em função do amor para com os próximos.

O bom governante, para ser bom para consigo, tem de ser bom para com os outros.

FOLHA SEGUINTE:

cabecão alegórico

UNUM SINE ALTERO NON VALET

Gravura aberta a buril por Francisco Gomes.
Empresa Vigésima Oitava: manda Deus
a São Bento por um clérigo sustento à cova.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas*
S. Bento. Tomo primeiro, Lisboa: António
Craesbeeck de Melo, 1683, p. 321.

A providência, que o Príncipe há de ter com
os que militam: Corrobora-se com o cuidado,
que Deus teve de sustentar a São Bento.



Unum Sine Altero Non Valet. – Um sem o outro não conta.

TOMO I

[EMPRESA VIGÉSIMA NONA]

Uma representação do astro Sol, humanizado, irradiando por igual a sua força sobre duas encostas, uma árida – produtora do minério ferro – e outra viçosa – produtora do minério ouro.

Tal como a radiação solar se espraia pelos diferentes campos, assim o bom governante deve distribuir justiça e clemência por todos os seus governados, não esquecendo, contudo, que o engano e a virtude crescem lado a lado, tal como todos os contrastes e todos os opostos.

O governante deve saber ver para além das aparências.

O jovem Bento cresce dentro de uma gruta e nele souberam distinguir os pastores, que o encontraram, as suas qualidades.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico
INTRINCICUS LATET

Gravura aberta a buril por Francisco Gomes.
Empresa Vigésima Nona: acham uns pastores
São Bento.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas
S. Bento*. Tomo primeiro, Lisboa: António
Craesbeeck de Melo, 1683, p. 329.

Quanto o Príncipe deve examinar os sucessos
para se não enganar na cautela: Os pastores,
que acharam a São Bento o insinuaram
advertidos.



Intrincicus Latet. – Oculta-se interiormente.

TOMO I

[EMPRESA TRIGÉSIMA]

Um grande peixe aparenta deitar fora o alimento que comeu em demasia, alimento esse que serve de sustento a peixes mais pequenos. Pode ser a interpretação da imagem central do emblema.

Vertit in malum: deita fora o mal ou abandona o que te pode ser prejudicial. O alimento, que é uma coisa boa, em abundância transforma-se em coisa má.

A lei só tem sentido em função do que é ordenado, pois sem a lei essa ordem não existe. A lei é que permite ordenar.

O governador deve saber fazer as leis evitando que o que poderia ser uma boa lei se transforme em prejuízo para toda a sociedade.

É como a lisonja, a coisa boa transformada em mal. O jovem Bento, ao ouvir os conselhos do lisonjeador, que o levaram à caverna, quase morreu.

FOLHA SEGUINTE:
cabeção alegórico
VERTIT IN MALUM

Gravura aberta a buril sem assinatura.
Empresa Trigésima: põe o demónio São Bento numa tentação.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo primeiro, Lisboa: António Craesbeeck de Melo, 1683, p. 336.

Tem o Príncipe de não admitir a lisonja: para não sentir o que padeceu São Bento com o lisonjeiro.



Vertit in Malum. – Transforma-se no mal.

TOMO I

[EMPRESA TRIGÉSIMA PRIMEIRA]

Uma túnica que repele as chamas de um fogo é a alma desta empresa.

A túnica confeccionada em linho-asbestino ou asbesto – amianto em filetes, a partir do qual se produzia um tecido fibroso que, colocado em chama branda, em vez de arder ficava mais branco – necessitava da ação do fogo purificador que a não queimava, mas antes a tornava mais alva, logo mais pura.

As qualidades do governante detetam-se pela pureza conjugada com a firmeza dos seus trabalhos. Tem de saber premiar e castigar com igual virtude. Na adversidade deve o governante saber encontrar não o desengano, mas antes as particularidades que o advertem e lhe proporcionam os desafios necessários para tornar o seu poder mais forte.

As adversidades do jovem Bento deram-lhe a firmeza que formou o seu futuro.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico

MAGIS DEALBATUR

Gravura aberta a buril por Francisco Gomes. Empresa Trigésima Primeira: fica São Bento vitorioso da tentação.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo primeiro, Lisboa: António Craesbeeck de Melo, 1683, p. 346.

São os trabalhos firmeza do cetro: São Bento, como era Príncipe, com eles perpetuou a coroa.



Magis Dealbatur. – Mais puro.

TOMO I

[EPÍLOGO]

Uma paisagem campestre. Do lado direito, um braço direito irrompe com uma vara na mão. Não se trata de uma mão providencial, ou divina, ou de uma vara de um mago, como uma visão apressada pode querer lembrar. A vara bate numa planta, a qual, em vez de enfraquecer, fortalece e toma proporções maiores que todas as outras representadas.

Só se compreende o sentido do emblema tomando em atenção o lema: *virescit vulnere virtus*, a virtude floresce da ferida ou com as feridas reverdece a virtude.

Quem é perseguido pela sua virtude, pelo seu conhecimento ou pela sua bondade, porque estas qualidades suscitam invejas, não deve atender a essas manifestações, deve antes prosseguir nos seus corretos princípios demonstrando que são os outros, e não ele, os que estão errados. Tal como algumas plantas que são constantemente pisadas e que em vez de perecerem ainda se tornam mais verdes.

O bom governante não deve ceder perante a adversidade, desde que sejam honestos os seus princípios.

FOLHA SEGUINTE:

alegoria

VIRESCIT VULNERE VIRTUS

Gravura aberta a buril por Francisco Gomes
Epílogo do primeiro tomo.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas*
S. Bento. Tomo primeiro, Lisboa: António
Craesbeeck de Melo, 1683, p. 360.



Virescit vulnere virtus – A virtude floresce de uma ferida.



[Tomo I, p. 254]

PRINCIPE
DOS PATRIARCHAS
S. BENTO
SEGUNDO TOMO

DE SUA VIDA,
DISCURSADA EM EMPREZAS
Políticas, & Moraes.

Pelo M. R. Padre Prêgador Gêral

FREY JOAM DOS PRAZERES,
Chronista Môr da Congregação do mesmo Princi-
pe, natural da Cidade do Porto.

OFFERECIDO AO REVERENDISSIMO PADRE

FREY VICENTE DOS SANTOS,
D. Abbade Gêral da Religião deste Pay das Religiões todas.

E POR ELLE DEDICADO AO EMINENTISSIMO SENHOR

D. JOSEPH DE AGUIRRE
CARDEAL DA SANTA IGREJA ROMANA
Monje Benedictino.

L I S B O A.

Na Officina de JOAM GALRAM. Anno de 1690.

Com todas as licenças necessarias.

A custa da Congregação de S. Bento.



Portada tipográfica para o *Segundo Tomo*. [Lisboa, 1690]

João dos Prazeres, O.S.B., 1648-1709

*O Príncipe dos Patriarcas S. Bento : Segundo Tomo de sua Vida, discursada em Emprezas Politicas, & Morais. / Pelo Muito Reverendo Padre Prêgador Gêral Frey Joam dos Prazeres, Chronista Mòr Congregação do mesmo Príncipe, natural da Cidade do Porto. Offerecido ao Reverendissimo Padre Frey Vicente dos Santos, Dom Abbade Gêral da Religião deste Pay das Religiões todas. E por elle dedicado ao Eminentissimo Senhor Dom Joseph de Aguirre cardeal da Santa Igreja Romana monje Benedictino. – Lisboa: Na officina de Joam Galram. [= Na oficina de João Galvão], Anno de 1690. – 508 p. 2.º. – *⁴ *⁴ *⁴ *⁴ *⁴ A-Z⁴ Aa-Zz⁴ Aaa-Ooo⁴ Ppp². – [23, 1br.] 482 [2] p. {= 508 p.}*

Erratas na pag.: 44 [= 63], 78 [= 98], 157 [=153], 432 [= 431].

Carateres romanos e itálicos. – títulos correntes. – reclames. – notas marginais. – portada gravada. – capitulares. – tarjas, vinhetas, cabeções e elementos decorativos. – ilustrada.

Ordem: aprovação – Lisboa, S. Bento da Saúde, 1689.02.26 / Doutor Fr. Rafael de Jesus.

Ordem: aprovação – Lisboa, S. Bento da Saúde, 1689.02.17 / Doutor Fr. Roque da Natividade.

Ordem: licença – Tibães, mosteiro de São Martinho, 1689.03.10 / Fr. Vicente dos Santos.

Santo-Ofício: aprovação – Lisboa, Jesus, 1689.07.22 / Fr. Francisco de S. João Baptista.

Paço: aprovação – Lisboa, S. Roque, 1689.10.29 / João de Almeida.

Santo-Ofício: Licença – Lisboa, 1689.08.16 / Soares; Pimenta; Noronha; Castro; Frei Vicente, Estevão de Brito Foios; Azevedo.

Ordinário: licença – Lisboa, 1689.10.17 / Serrão.

Paço: licença – [Lisboa], 1689.10.31 / Mello P; Roxas; Lampea; Marchão; Azevedo; Ribeiro.

Santo-Ofício: aprovação – Lisboa, 1690.07.14 / Pimenta; Noronha; Castro; Estevão de Brito Foios; Azevedo.

Santo-Ofício: verificação – Lisboa, 1690.07.15 / Pimenta; Noronha, Castro; Estevão de Brito Foios.

Ordinário: verificação – Lisboa, 1690.07.15 / Serrão.

Paço: taxa – 15.000 rs. Lisboa, 1690.07.15 / Roxas; Lampreia; Azevedo.

ESTRUTURA DA OBRA:

Portada. – vb. – dedicatorias. – «ao leytor». – «Direcçam das emprezas». – epigramas e sonetos encomiásticos. – licenças. – vb. – texto (1-447). – vb. – índices – fb.

REFERÊNCIAS:

- 1747 - Barbosa Machado, II, p. 728.
1860 - Inocência, IV, p. 24; X, p. 337.
1922 - Azevedo-Samodães, II, p. 185-186, n.º 2653.
1940 - Ávila-Peres, V, p. 661, n.º 6053.
1996 - JADias, Craesbeeck, p. 95.
2005 - Arouca, III, p. 413-414, n.º P-250.
2007 - ARepública, II, p. 127, n.º 292.

TOMO II

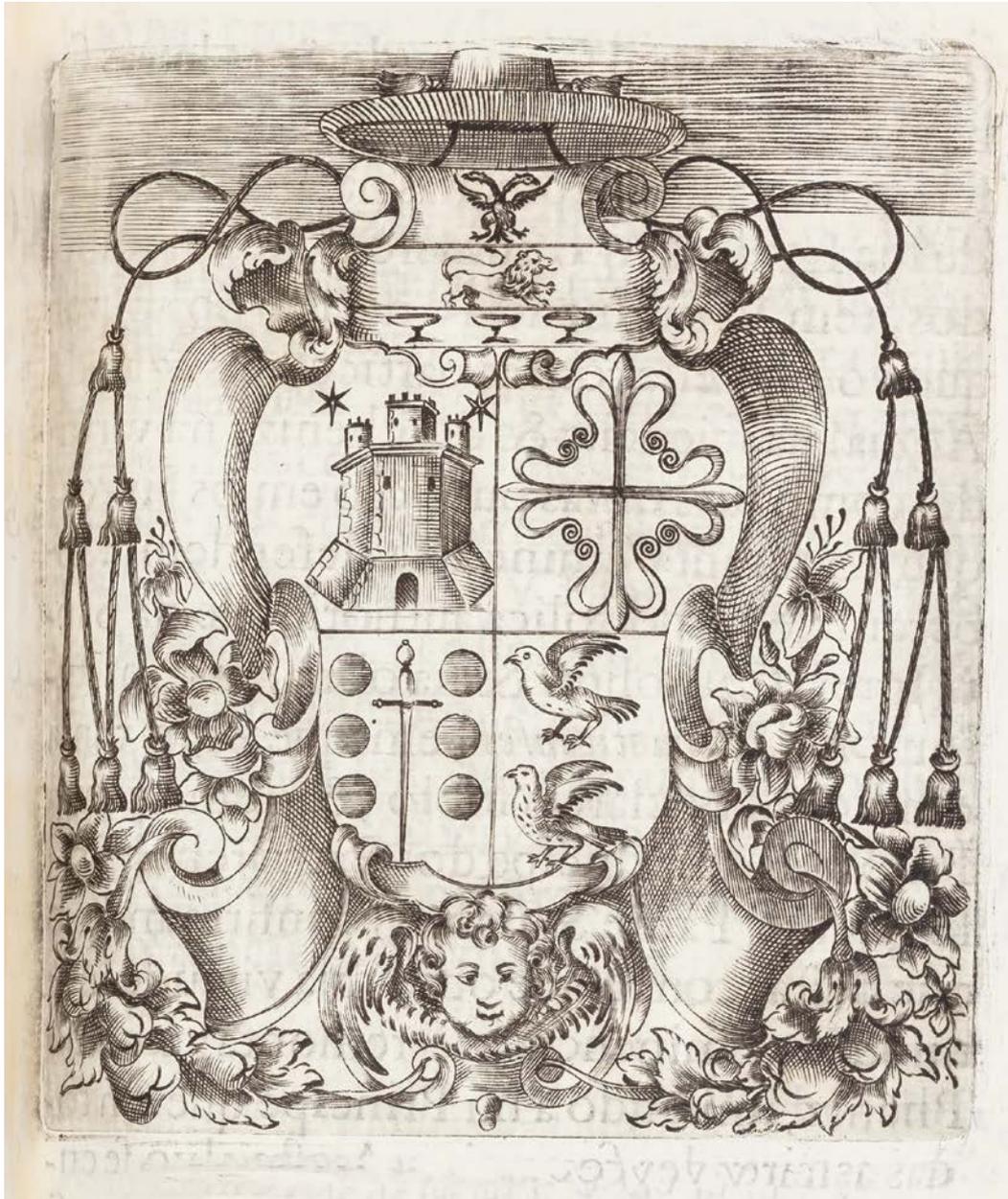
[DEDICATÓRIA]

O autor, a exemplo do primeiro tomo, ofereceu ao abade geral da ordem em Portugal o tomo II da sua obra sobre *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Por sua vez, Frei Vicente dos Santos, o abade geral, dedicou a obra ao Cardeal D. José Saenz de Aguirre (1630-1699). E são as armas desse Cardeal espanhol, monge beneditino, que abrem a página da dedicatória.

FOLHA SEGUINTE:

Gravura aberta a buril não assinada
Dedicatória.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo segundo, Lisboa: João Galvão, 1690, p. [3].



TOMO II

[EMPRESA - AO LEITOR]

Uma balança de dois pratos pesa dois livros, um em cada prato; o de menor volume é o mais pesado.

Tal como *não se estimam as árvores pelo verde, nem pela multidão das folhas, senão pela bondade dos frutos, da mesma sorte os livros*. Assim justifica frei João dos Prazeres o tema da empresa com que abre o texto explicativo destinado ao leitor.

Deve escrever-se não para aumentar o número de folhas, mas sim para dar valor e conteúdo a uma obra.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico
PELO VALOR E NÃO PELO VOLUME

Gravura aberta a buril não assinada.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo segundo, Lisboa: João Galvão, 1690, p. [VII].



Pelo valor e não pelo volume.

TOMO II

[EMPRESA PRIMEIRA]

Em primeiro plano, uma pantera, de maiores dimensões, que rugue; em segundo plano, diferentes animais vêm, de todos os lados, na sua direção.

A empresa procura dar corpo e imagem à narrativa do bestiário que nos conta que, após cada refeição, a pantera dorme três dias, ao fim dos quais, quando acorda, lança um perfume inebriante e maravilhoso que, com o rosnar que ao mesmo tempo produz, consegue atrair até junto de si, encantados, todos os animais que em outro momento o não fariam.

O governador deve procurar, com a fama do seu bom governo, aquietar os inimigos e a todos atrair.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico
IN ODOREM CURRIMUS

Gravura aberta a buril por Duarte.
Empresa Primeira: buscam uns monges
a São Bento para seu prelado.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo segundo, Lisboa: João Galvão, 1690, p.1.

Com a boa fama atraem a si os Príncipes os ânimos dos vassalos: autoriza-o a fragrância da virtude de São Bento, que obrigou a uns monges distraídos a o buscarem para seu prelado.



In Odorem Currimus. – Somos atraídos pelo odor.

TOMO II

[EMPRESA SEGUNDA]

Um campo com uma única árvore cuja copa se apresenta torta e imperfeitamente desenvolvida.

Embora procure a perfeição, nem sempre a natureza se apresenta perfeita. Uma árvore torta não pode fazer uma sombra direita.

Um governante deve procurar que a sua obra seja perfeita, tenha força e perseverança, pois só assim cumprirá o seu curso natural e será respeitado. Deve ser constante na adversidade.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico

DEGENERAT UBI INCURVAT

Gravura aberta a buril por Duarte.

Empresa Segunda: intenta São Bento reformar os monges, que o buscaram para seu prelado.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo segundo, Lisboa: João Galvão, 1690, p.37.

O mau costume, faz perder a boa criação:

Corroborar-se com a relaxação destes monges.



Degenerat Ubi Incurvat. – Degenera onde retrocede.

TOMO II

[EMPRESA TERCEIRA]

Um lavrador ensaia lavrar um campo, com um arado que é puxado por um boi e por um leão.

Cada animal tem o seu ritmo e ambos procuram influenciar o outro, não cedendo em nenhuma das suas qualidades de força e de determinação.

O governante deve ter sempre presente que quem não conhece a gravidade da ofensa não teme a virtude do ofendido.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico
TU CEDE

Gravura aberta a buril por Duarte.
Empresa Terceira: pretendem os monges, que o fervoroso espírito de São Bento se acomode com suas tibiezas.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo segundo, Lisboa: João Galvão, 1690, p.56.

A obstinação da culpa pretende, que os príncipes cedam de seu direito: Verifica-se com a tenacidade, com que os monges resistiram à reforma do Santo Patriarca.



Tu Cede. – Tu descansa.

TOMO II

[EMPRESA QUARTA]

Um campo com duas moitas floridas, estando uma rodeada de abelhas.

As abelhas escolhem com cuidado as flores de que se devem servir para produzir o mel.
Flores igualmente bonitas podem ser venenosas.

O governante deve ponderar as suas leituras, assim como pondera os seus conselhos, pois nem de todo o livro se tira conhecimento com utilidade, como nem de todo o conselho se deve servir, mas apenas daqueles que não lhe pareçam viciosos.

Muitas vezes se acha a mentira com efeitos de verdade.

FOLHA SEGUINTE:

cabecão alegórico

NON EX OMNI FLORE CARPITUR MEL

Gravura aberta a buril por Duarte.

Empresa Quarta: procura o distraimento dos monges dar a morte ao Santo com veneno.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo segundo, Lisboa: João Galvão, 1690, p. 69 [i.e. 68].

A lição dos livros proibidos é o veneno que mais infeta a República: Conforma-se com a significação da potagem, com que os monges intentaram dar a morte ao Príncipe dos Patriarcas.



Non ex omni flore carpitur mel. – Nem de toda a flor se tira mel.

TOMO II

[EMPRESA QUINTA]

Atiraram-se pedras ao Sol.

Atirar pedras ao Sol afigura-se uma ação inútil, dado que não só o não atingem, como essa ação em nada afeta a sua influência na condução da natureza; o Sol continua a irradiar a sua luz.

O governante deve conseguir, com a sua ação produtiva e com o seu trabalho, inculir tal influência e tal interação, que as suas medidas, por serem justas e necessárias, não consigam ser aniquiladas pelos seus opositores.

Sol e governante continuam o seu bom trabalho, esquecendo as ações dos que são nefastos; ignorando-os ou abandonando-os, será o seu castigo.

FOLHA SEGUINTE:
cabeção alegórico
COM OS DEIXAR OS CASTIGO

Gravura aberta a buril por Duarte.
Empresa Quinta: deixa São Bento a companhia dos monges.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo segundo, Lisboa: João Galvão, 1690, p. 82.

O castigo para um ingrato é deixá-lo sem remédio: porque assim castigou o Santo Patriarca aos que lhe queriam tirar a vida.



Com os deixar os castigo.

TOMO II

[EMPRESA SEXTA]

Uma mesa com duas coroas: uma de príncipe e outra de rei.

«Seja o príncipe para si, antes de entrar no governo, para que no governo entenda como há de ser para todos» [tomo II, p. 93].

A experiência que o governante deve ter antes de lhe ser confiado o governo.

Aprender a governar passa por observar a forma como os outros governam.

Existe um tempo para aprender e um tempo para exercer. O tempo de governo não é destinado a aprender, mas sim destinado a doutrinar.

A educação e a formação do governante, especialmente nas suas virtudes de prudência e justiça, refletem-se na forma de governo.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico

GYRANT UT LUCEANT

Gravura aberta a buril sem assinatura.

Empresa Sexta: de que serviram ao Santo Patriarca as contradições, e moléstias, que suportou naquele Mosteiro.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo segundo, Lisboa: João Galvão, 1690, p. 92.

A necessidade que os Príncipes têm de experiência, antes de subir ao trono, se infere dos trabalhos que padeceu São Bento antes de instituir a sua Ordem.



Gyrant ut Luceant. – Rodeia para brilhar.

TOMO II

[EMPRESA SÉTIMA]

Uma parede com dois retratos, emoldurados e pregados: um falso (invertido ou deformado) e outro verdadeiro.

Um conhecimento apenas teórico e sem qualquer prática pode não ajudar a governar.

O governador tem de conseguir congregar em si o apoio necessário para que o seu pensamento seja conhecido; para que seja transmitido a todos; e para que seja de utilidade à coisa pública.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico

NON VERE EXPRIMUNT OMNES

Gravura aberta a buril por Duarte.

Empresa Sétima: segunda vez se retira

São Bento à sua antiga cova de Subiáco.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo segundo, Lisboa: João Galvão, 1690, p. 103.

O conhecimento próprio é a luz, que melhor encaminha os príncipes: Razão por onde o Príncipe dos Patriarcas governou com maior acerto, porque nunca lhe faltou esta claridade.



Non vere exprimunt omnes. – Nem todos se exprimem com verdade.

TOMO II

[EMPRESA OITAVA]

Uma casa sem teto; uma árvore sem copa; placas de cobertura e outro material de construção espalhados pelo campo.

João dos Prazeres lembra-nos que «os materiais perdem o préstimo fora de sua ordem: nem a telha repara a chuva, nem a pedra forma o edifício; desampara o espírito as partes separadas do todo; falta a fermosura ao desunido» [tomo II, p. 114]. Estava descodificado o desenho da empresa.

O governador deve preparar a ordem que é necessária para o triunfo da República; e deve ser constante nessa ordem, porque: «o amontoado, como não leva ordem, morre na mesma confusão» [tomo II, p. 115].

Bento, ao emparedar-se numa cova, pela segunda vez, deixa os monges sentirem a necessidade de ordem.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico
COLLOCATA PROSUNT

Gravura aberta a buril sem assinatura.
Empresa Oitava: trata São Bento de instituir sua Ordem, com a multidão de gente, que o seguia.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo segundo, Lisboa: João Galvão, 1690, p. 114.

Da boa disposição, com que as Repúblicas são ordenadas, depende a sua conservação: ao que respeitou o Príncipe dos Patriarcas na Ordem com que recolheu aos que o seguiam.



Collocata Prosvnt. – As coisas dispostas são úteis.

TOMO II

[EMPRESA NONA]

Uma torre, ou fortaleza, de pedra – como um altar – sobre a qual ardem três ordens de fogo, ou três níveis de fogo que se unem em um.

O governante tem de saber unir, com amor, as diferentes forças que lhe advêm: quer das armas, quer da riqueza, quer da firmeza política. Com amor pelos governados, destes recebe o governador o que lhe é necessário para o bom governo.

Bento uniu em si três fogos: o religioso – que ardia em mirra; a abstinência – que ardia em lenha seca; a virtude – que ardia em oliveira. Com esta luz, de uma única chama, iluminou o caminho dos que o desejaram seguir.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico

A FLAMMA FORTITUDO

Gravura aberta a buril sem assinatura.
Empresa Nona: fundou São Bento a sua religião sobre três incêndios de fogo.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo segundo, Lisboa: João Galvão, 1690, p. 125.

O amor de Príncipe para com os vassallos, e o amor destes para com os Príncipes são as armas que melhor defendem as Repúblicas: certeza qualificada pelo Príncipe dos Patriarcas, em fundar a sua religião sobre a chama de três fogos.



A Flamma Fortitudo. – Da chama vem a força.

TOMO II

[EMPRESA DÉCIMA]

Um Sol difusor de luz que abrange o zodíaco, sendo por este delimitada a difusão dos raios solares.

A delimitação do poder temporal. Todo o governante deve ter consciência de que o seu poder está delimitado.

Bento organizou a sua nova ordem em doze mosteiros no distrito de Subiáco; cada mosteiro tinha um abade e doze monges.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico
NON ULTRA VIRES

Gravura aberta a buril sem assinatura.
Empresa Décima: edifica São Bento doze mosteiros, dentro do distrito de Subiáco.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo segundo, Lisboa: João Galvão, 1690, p. 141.

Os Impérios têm na extensão a sua ruína.
Motivo que obrigou a São Bento (nos exórdios da ereção da sua família) a não estender os braços de seu Monacato.



Non Ultra Vires. – Não se vá além das forças.

TOMO II

[EMPRESA DÉCIMA PRIMEIRA]

Um Sol radiante que faz chegar os seus raios com a mesma intensidade quer à terra, onde uma planta ganha raízes, quer ao firmamento, onde se encontram dois olhos, dos quais um chora.

O poder do governante pode comparar-se ao poder de um Sol impoluto que chega a todos com a mesma intensidade, embora vá ferir os olhos, como símbolo do pecador, e vá fortalecer a planta, como símbolo da vida e da virtude. A dualidade também se encontra presente na divisa: *allevat et vexat*: eleva e humilha; isto é: ajuda a elevar e, se necessário, a humilhar.

Bento com a sua Regra ao mesmo tempo que enaltece as virtudes da nova ordem, denigre a antiga.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico
ALLEVAT ET VEXAT

Gravura aberta a buril sem assinatura.
Empresa Décima Primeira: promulga
São Bento os primeiros ditames da sua regra,
em ordem ao governo dos monges.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas*
S. Bento. Tomo segundo, Lisboa: João Galvão,
1690, p. 151.

Na inteireza das leis consiste toda a boa fortuna
dos povos. A regra que o Santo Patriarca deu
a seus monges os prognosticou felizes.



Allevat et Vexat. – Eleva e humilha.

TOMO II

[EMPRESA DÉCIMA SEGUNDA]

Um edifício parcialmente arruinado: apresenta-se com uma parede destruída e sem cobertura no telhado.

Se o edifício não tiver telhado, as paredes não se conservam, por melhores que elas sejam.

Uma República sem instrução padece e arruína-se tal como uma casa sem telhado. Os sábios são os melhores conselheiros que um governante pode ter junto de si porque lhe suprem a ignorância e o ajudam com os seus conhecimentos. *O governante deve saber guarnecer-se de cultura e cultivar aqueles que a ilustram.*

Bento, quando foi chamado a Roma para exercitar a sua Regra e a sua Ordem, manteve o ensino nas duas igrejas em que o implementou, transformando-as em boas escolas.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico

SINE CULMINE, CORRUIT

Gravura aberta a buril sem assinatura.

Empresa Décima Segunda: entrega o Sumo Pontífice Santo Hormisda o governo dos Mosteiros Latarenense, e Vaticano e São Bento, e institui o Santo Patriarca, em cada um deles, uma Universidade.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo segundo, Lisboa: João Galvão, 1690, p. 167.

Colunas dos reinos, são os sábios: Causa, por onde o Príncipe dos Patriarcas quis que sua religião se povoasse de homens doutos, erigindo em seus conventos universidades públicas.



Sine Culmine, Corruit. – Sem telhado, degrada-se.

TOMO II

[EMPRESA DÉCIMA TERCEIRA]

Flores que caem do firmamento, flores que se encontram espalhadas no chão: em todo o lugar existem flores, mas todas as flores são diferentes.

As flores têm cores e perfumes diferentes, contudo não deixam de ser flores. Todas as flores guarnecem os campos. Assim o governante deve saber florescer em toda a sua vida.

Todas as artes são necessárias para a conservação de uma boa República: tanto as artes liberais, como as artes mecânicas; compete ao governante saber aproveitar-se de cada uma delas, embora com escalas diferentes. Do equilíbrio, com que saiba satisfazer as necessidades, nascerá o bom governo e a boa cultura. De todas as artes, tal como de todas as flores, terá sempre necessidade.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico
UBIQUE FLORES

Gravura aberta a buril sem assinatura.
Empresa Décima Terceira: por lhes evitar o ócio, exercita São Bento a seus monges nas obras necessárias para o uso e serviço monástico.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo segundo, Lisboa: João Galvão, 1690, p. 181.

As artes liberais enobrecem toda a sorte de pessoas. O que se ilustra com o Príncipe dos Patriarcas querer que seus monges se exercitassem nelas.



Ubique Flores. – Que floresças em toda a parte.

TOMO II

[EMPRESA DÉCIMA QUARTA]

Uma hidra com sete pescoços dos quais três têm a cabeça cortada. Uma mão aproxima-se com um archote.

A imagem representa a mitológica «hidra de Lerna» que Hércules teve de vencer no segundo dos seus doze trabalhos. Reza a lenda que, quando Hércules cortou a cabeça da hidra, nasceram, da ferida, duas novas; quando cortou a segunda, nasceram outras duas; quando cortou a terceira nasceram mais outras duas, passando a hidra a ter quatro novas cabeças; sendo esse o momento representado na empresa. Com a ajuda do seu escravo, passou a cauterizar cada uma das feridas após os novos cortes; essa cauterização – pelo meio do fogo – evitou a multiplicação das cabeças da hidra, conseguindo, assim, cortar as restantes quatro novas que tinham nascido.

O governante, quando legislar, deve tomar todas as precauções a fim de evitar que as soluções encontradas agravem os problemas.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico
EXTINGUETUR IGNE

Gravura aberta a buril, sem assinatura.
Empresa Décima Quarta: ordena o Sumo Pontífice Hormisda, que o Santo Patriarca assista em Roma a um Concílio.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo segundo, Lisboa: João Galvão, 1690, p. 192.

É o fogo o único remédio, com que se extingue o judaísmo: Comprova-se com sessão de um Concílio, a que assistiu o Santo Patriarca.



Extinguetur Igne. – Extinga-se com o fogo.

TOMO II

[EMPRESA DÉCIMA QUINTA]

A empresa apresenta como imagem um fato masculino, segundo a moda do século XVII.

Partindo da constatação de que um fato deve ser feito à medida e ao gosto de quem o vai vestir, frei João dos Prazeres lembra que um governante não deve ser severo para com os seus governados, mas antes deve governar com liberalidade, porque a grandeza de um governante «é regulada pela generosidade da dádiva» [tomo II, p. 204].

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico

A GOSTO E A MEDIDA

Gravura aberta a buril, sem assinatura.

Empresa Décima Quinta: por um anjo mandou Deus dizer a São Bento que lhe pedisse mercês.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo segundo, Lisboa: João Galvão, 1690, p. 203.

O benefício há de ser feito à medida, e gosto de quem o recebe. Abona-se com o favor que Deus fez a São Bento, mandando-lhe dizer por um Anjo: que lhe pedisse mercês.



A gosto e a medida.

TOMO II

[EMPRESA DÉCIMA SEXTA]

Um Sol que emerge no horizonte; uma águia que se deslumbra, fitando os primeiros raios do Sol; e um rebanho que pasta, em sossego; são os três elementos gráficos representados na empresa e que se encontram em perfeito equilíbrio.

O Sol, com os seus primeiros raios, despertou quer o gado, quer a águia. Enquanto o gado começou, de imediato, a alimentar-se, a águia ficou, antes, a contemplar esse Sol nascente, firmando a sua vista e adaptando-a às diferentes intensidades, para preparar, em segurança, o seu voo que mais tarde realizará. Esta diferença de comportamentos permite que o gado paste e se alimente em sossego.

O governante deve, com as suas ações, lembrar que conhece os atos de todos e que guarda memória dos feitos de cada um, para a todos poder ser útil. «O morto fica vivo nas obras e o ausente faz-se lembrado na súplica» [tomo II, p. 211].

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico

NON AVARA DUM JUVATUR

Gravura aberta a buril, sem assinatura.

Empresa Décima Sexta: respondeu São Bento ao anjo: que eram tantas as mercês, que tinha recebido de Deus, que se achava impossibilitado a pagá-las; razão, por onde se não atrevia a pedir novos favores. Que fizesse Deus sua vontade, e lhe concedesse, o que fosse servido.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo segundo, Lisboa: João Galvão, 1690, p. 210.

O desinteresse com que os validos hão de assistir aos Príncipes, mostrou-o a resignação com que o Santo Patriarca se comprometeu na vontade divina.



Non avara dum Juvatur. – Sem ambições, enquanto se ajuda.

TOMO II

[EMPRESA DÉCIMA SÉTIMA]

Uma águia voa para o seu ninho, construído no local mais elevado, com uma pedra no bico.

A águia constrói o seu ninho nas escarpas rochosas, fortifica-o com pedras no seu interior. Consegue, assim, que este seja resistente ao vento, temperado no calor, e se encontre afastado de depredadores.

O governante deve ter equilíbrio nas suas medidas e nas leis, agindo de modo a nunca perder, nem colocar em causa, a imunidade que lhe é natural.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico

NE PEREAT IMMUNITAS

Gravura aberta a buril, sem assinatura. Empresa Décima Sétima: da parte de Deus promete o anjo a São Bento cinco excelências: a primeira, que sua religião duraria até ao fim do mundo.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo segundo, Lisboa: João Galvão, 1690, p. 217.

Obrigações dos príncipes engrandecer e perpetuar a nobreza do seu Reino. O que abonou o Céu, prometendo Deus a São Bento, que sua religião duraria até ao fim do mundo.



Ne pereat immunitas. – Não pereça a imunidade.

TOMO II

[EMPRESA DÉCIMA OITAVA]

Uma embarcação, forte e sólida, navega num mar alto e calmo.

Qualquer embarcação deve fazer a viagem a que se propôs e dar a confiança necessária a quem nela embarque. Em plena viagem, os acidentes devem-se evitar, porque só com dificuldade se conseguem solucionar.

O governante deve saber conduzir todos os que nele confiam – e neles inculcar segurança; os governados têm de confiar que só com o seu governante conseguem atingir e completar os seus objetivos.

FOLHA SEGUINTE:

cabecção alegórico

EXTRA ECCLESIAM NULLA SALUS

Gravura aberta a buril, sem assinatura.

Empresa Décima Oitava: a segunda excelência, que a sua religião, no fim do mundo, estaria firme pela Igreja Romana; e confortaria a muitos na fé católica.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo segundo, Lisboa: João Galvão, 1690, p. 230.

Singular escudo é a fé católica, que defende de todos os perigos: Razão por onde a religião de São Bento, enquanto o mundo durar, há de vencer todas as oposições do Inferno, porque sempre há de estar firme na fé.



Extra Ecclesiam nulla Salus. – Fora da Igreja não há salvação.

TOMO II

[EMPRESA DÉCIMA NONA]

Uma águia, no ponto mais elevado da terra, olhando o Sol, tem junto de si dois filhotes, precipitando-se um terceiro em queda desamparada.

A águia domina a luz solar para conseguir voar; desde pequena é treinada para o conseguir. Um dos filhotes falha a contemplação e, ofuscado, cai no desfiladeiro.

Todos têm de ser preparados para não sucumbirem nos contratempos da adversidade. Mas nem todos terão a mesma capacidade e a mesma agilidade.

O bom governante utiliza o mesmo rigor para avaliar quer os que lhe estão próximos, quer aqueles que se encontram afastados. Procura a todos conhecer, para ter confiança. Deve legislar visando o futuro, preparando os seus continuadores.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico

PROBANTUR UT CORONENTUR

Gravura aberta a buril, sem assinatura.

Empresa Décima Nona: terceira excelência: que todos os que morressem na sua religião se salvariam; e se nela, começassem a viver mal, e não emendassem a vida, ou se confundiriam, ou os lançariam fora, ou eles mesmos deixariam o hábito.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo segundo, Lisboa: João Galvão, 1690, p. 243.

Para se conformar com a política do Céu, devem querer os pais para herdeiros de seu solar, não ao filho mais antigo, sim ao mais benemérito: acerto que autoriza o Altíssimo na promessa que fez ao Príncipe dos Patriarcas, de que todos os que vissem na sua religião acabariam em estado de graça.



Probantur ut Coronentur. – Sejam provados, para que sejam coroados.

TOMO II

[EMPRESA VIGÉSIMA]

Um monstro-animal não especificado olha-se a um espelho, aparentando hipnotizar-se a si próprio.

Frei João dos Prazeres especifica que o animalesco é um «basilisco»: figura mitológica que é capaz de matar com o simples olhar e que só se consegue destruir, fazendo-o olhar o seu próprio reflexo em um espelho. «Com os reflexos da própria vista parece às mãos de sua malignidade» [tomo II, p. 262].

O governador deve lembrar-se que todo o criminoso se quer libertar dos grilhões que o prendem; e que muitos dos erros só se conseguem corrigir quando o próprio erro é experimentado.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico

SE IPSUM CONSPURCAT

Gravura aberta a buril, sem assinatura.

Empresa Vigésima: quarta excelência: que todo, o que for inimigo de sua religião acabará mal, ou se lhe abreviará a vida, quando se não arrependa.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo segundo, Lisboa: João Galvão, 1690, p. 261.

É natural dos precitos vexar o estado religioso: mostrou-o Deus prometendo a São Bento que teriam mau fim todos os que fossem inimigos da sua religião.



Se ipsum Conspurcat. – A si próprio se suja.

TOMO II

[EMPRESA VIGÉSIMA PRIMEIRA]

Duas árvores de espécie diferente – uma oliveira e uma romãzeira – desenvolvem-se e fortificam lado a lado.

Existem dois tipos de fraternidade: a sanguínea e a que se cultiva por partilha de ideais comuns.

Nem sempre as árvores de uma mesma espécie, ao nascerem juntas, se desenvolvem e frutificam com a mesma qualidade, pois, ao terem necessidades comuns, tendem a esgotar os recursos necessários que permitem o desenvolvimento de ambas. As árvores de espécies diferentes podem complementar-se nesses recursos, suprimindo umas as faltas das outras. A oliveira, com a sua ramagem constante, protege a romãzeira na época em que esta fica despida de folhas; a romãzeira, pela qualidade das suas raízes, tonifica as da oliveira e modifica a qualidade da azeitona.

Assim se comportam alguns seres humanos, no que à fraternidade diz respeito: irmãos de uma mesma família de sangue podem não se estimar, nem se respeitar, manifestando, antes, sentimentos adversos entre si; a estima recíproca entre estranhos no sangue pode fazer germinar e fortalecer as qualidades necessárias ao desenvolvimento e à prosperidade. «Da uniformidade dos costumes resulta a união da amizade» [tomo II, p. 279].

As folhas, flores e frutos da oliveira e da romãzeira, embora sejam diferentes, tendem a complementar-se no seu simbolismo: a romã, pela sua cor e pela sua coroa, simboliza o detentor do poder – o governador; a azeitona, pela virtude do seu óleo, simboliza o governado.

FOLHA SEGUINTE:
cabeção alegórico
VICISSIM SUBVENIUNT

Gravura aberta a buril, sem assinatura.
Empresa Vigésima Primeira: quinta, e última
excelência: que todos os que amassem a sua
religião teriam bom fim.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas*
S. Bento. Tomo segundo, Lisboa: João Galvão,
1690, p. 277.

Que dotes há de ter o sujeito que se houver de
escolher para amigo: Ensinados na utilidade
que tiram todos os que são devotos da religião
de São Bento.



Vicissim Subueniunt. – Ajudam-se mutuamente.

TOMO II

[EMPRESA VIGÉSIMA SEGUNDA]

Um único cordeiro come de uma única árvore que tem uma frondosa copa.

«Uma mesma árvore serve aos cordeiros de sustento e de abrigo; comem das folhas e amparam-se da sombra» [tomo II, p. 297]. Assim começa frei João dos Prazeres a explicação da empresa. Pretende conduzir o leitor para a importância que a educação, a instrução e a bondade desempenham na formação do governador, do cidadão e do governado. Mas para ter uma boa instrução, uma boa educação e um bom ensino precisam de um bom, hábil e honesto mestre.

Tal como a árvore alimenta e abriga o cordeiro, assim o Homem, desde criança, deve encontrar um aio que o saiba ensinar e preparar para a vida; um professor e amigo que o saiba ensinar e ao mesmo tempo o saiba preparar para cidadão, habilitando-o tanto a ser governador, como a ser governado.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico

OBUMBRAT ET ALIT

Gravura aberta a buril, sem assinatura.

Empresa Vigésima Segunda: entregam Eutíquio, e Tertúlio a São Bento seus filhos Plácido, e Mauro, para que os criasse com o seu exemplo, e instruisse com os preceitos do seu Instituto.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo segundo, Lisboa: João Galvão, 1690, p. 297.

Que prendas se hão de buscar na pessoa, que houver de ser aio de um Príncipe: inculcadas no espírito de que São Bento foi ilustrado, para Mestre de Santo Amaro, e São Plácido.



Obumbrat, et alit. – Dá sombra e alimenta.

TOMO II

[EMPRESA VIGÉSIMA TERCEIRA]

Um jovem masculino tenta consertar um vaso de porcelana.

Uma espada precisa da liga do aço e do ferro, para que ela tenha força para cortar; mas se acaso a liga não se formar com qualidade, quando a espada está a ser forjada já de nada serve, dado que, a espada, não se pode soldar.

Já o objeto de barro, mesmo que se parta, durante a sua moldagem, consegue retomar a sua unidade e o seu ritmo de formação.

O governante deve conhecer quatro remédios para a sua governação:

«1.º é o conhecimento do pouco que podem separados e as forças que têm, quando unidos» [tomo II, p. 315];

«2.º é a admoestação da amizade nas coisas adversas» [tomo II, p. 315];

«3.º é o benefício que se deve dar (integrando-o) a quem vive em independência» [tomo II, p. 316];

«4.º é o parentesco, devendo unir a consanguinidade a quem separou a ambição» [tomo II, p. 316].

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico

FACILE CONCILIATUR

Gravura aberta a buril, sem assinatura.

Empresa Vigésima Terceira: reconciliam-se, e sujeitam-se a São Bento os monges do Convento de Vicoverra, que intentaram dar-lhe a morte com veneno.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo segundo, Lisboa: João Galvão, 1690, p. 312.

Nem todos os amigos reconciliados são suspeitos: verifica-se com a fidelidade com que uns monges se reconciliaram com o Príncipe dos Patriarcas.



Facile Conciliatur. – Facilmente se concilia.

TOMO II

[EMPRESA VIGÉSIMA QUARTA]

Uma cegonha leva comida (serpente) no bico a uma outra cegonha que se encontra no ninho.

As cegonhas são apontadas como um dos melhores exemplos da natureza no cuidar tanto dos seus filhos, como dos seus progenitores. A uns e a outros, não só os amparam no voo, como lhes levam comida ao ninho, quando ainda não têm ou já não têm forças para saírem em busca do seu alimento.

O cuidado dos pais para com os filhos transforma-se no cuidar dos filhos para com os pais. Existe um sentimento de piedade que se retribui. E esse sentimento também deve ser retribuído a quem, suprindo as obrigações dos pais, tomou conta dos filhos de outros.

A magnificência de um governante deixa-se observar pela maneira como ele trata os outros.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico
IN GRATIAM EDUCATIONIS

Gravura aberta a buril, sem assinatura.
Empresa Vigésima Quarta: manda São Bento edificar um mosteiro, para recolher nele Cirila, que foi a ama que o criou.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo segundo, Lisboa: João Galvão, 1690, p. 322.

Declara-se as prendas, que há de ter a ama de um Príncipe: E a gratificação com que os príncipes lhe devem pagar sua criação: manifesta-se uma, e outra coisa na santidade, com que viveu, e morreu a ama, que criou o Santo Patriarca; e o cuidado, e estimação com que a tratou este Príncipe.



In Gratiam educationis. – Em prol da educação.

TOMO II

[EMPRESA VIGÉSIMA QUINTA]

Um freio de uma cavalgada contrapõe-se a uma vara suspensa por uma mão.

Tal como o artista usa instrumentos diferentes para desbastar a pedra ou a madeira e para a aperfeiçoar, assim os castigos devem ser diferentes consoante os crimes. O símbolo da justiça pode ser uma vara, dado que tanto serve para medir como para castigar. Mas a vara pode ainda ter um duplo sentido: «antes que condene ou absolva, há de medir a culpa e a qualidade» [tomo II, p. 338].

O governante deve legislar e aplicar penas e castigos que sejam conformes às gravidades dos crimes. «A gravidade da culpa há de alterar o rigor da justiça, mas nunca a inteireza da lei» [tomo II, p. 334].

FOLHA SEGUINTE:

cabecão alegórico
NON SUFFICIT UNUM

Gravura aberta a buril, sem assinatura.
Empresa Vigésima Quinta: castiga São Bento um monge, que andava vagueando pelos claustros no tempo, em que os mais assistiam no coro à oração.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo segundo, Lisboa: João Galvão, 1690, p. 333.

A pena há de se medir com a culpa: justiça que observou o Príncipe dos Patriarcas no castigo, com que emendou um Monge delinquente.



Nun Sufficit Unum. – Uma só coisa não chega.

TOMO II

[EMPRESA VIGÉSIMA SEXTA]

Duas colunas com base igual, fuste com decoração diferente – uma torsa e outra canelada –, ambas com o capitel enleado por grinalda em forma de cadeia e coberto de lírios.

Tendo por base a descrição bíblica (1 Reis 7:13-22, 41-42) as duas colunas simbolizam as que se encontravam na entrada do templo de Salomão. Não eram colunas de suporte do templo, mas antes colunas simbólicas e espirituais, ocas, que serviam para guarda de materiais de culto.

As colunas não são iguais para recordar ao governador que, nas suas funções, deve ser justo e premiador.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico

NON SOLUM PENIS

Gravura aberta a buril, sem assinatura.

Empresa Vigésima Sexta: premeia São Bento a observância de um seu discípulo, em o eger Prelado de um Mosteiro. .

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo segundo, Lisboa: João Galvão, 1690, p. 342.

Com mais brandura, que rigor hão de governar os Príncipes: máxima que usou São Bento autorizando o Monge, que havia castigado.



Non Solum pœnis. – Não usar só o castigo.

TOMO II

[EMPRESA VIGÉSIMA SÉTIMA]

Uma cana, suportada por um braço, pesca um peixe numa plataforma de água.

A República representa a água, os peixes representam os governados e o pescador representa o bom governador. Da ação de cada um resulta o sucesso dos outros.

O governador distingue-se do tirano pelas seguintes ações: o primeiro converte a guerra em paz e o segundo a paz em guerra; o primeiro cria impostos para desempenhar seu crédito, o tirano para satisfazer o seu gosto; o primeiro sujeita-se às leis, o segundo à sua vontade; o governador obriga-se ao bem comum, o tirano ao particular.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico

OMNIBUS AC SEMPER

Gravura aberta a buril, sem assinatura.

Empresa Vigésima Sétima: de um duro penhasco tira São Bento uma corrente de água.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo segundo, Lisboa: João Galvão, 1690, p. 350.

Na imposição dos tributos devem proceder os Príncipes com toda a circunspeção, e clemência: virtudes que se descobrem no milagre, que fez o Santo patriarca tirando água de uma dura penha.



Omnibus ac Semper. – A todos e sempre.

TOMO II

[EMPRESA VIGÉSIMA OITAVA]

Um pedaço de ferro flutua sobre um manto de água.

Quando se quer enaltecer um feito quase impossível, pode usar-se da expressão: «ser tão dificultoso como nadar o ferro» [tomo II, p. 371].

O governante, usando da brandura, deve vencer as dificuldades que muitos julgam impossíveis, não deixando, porém, que a brandura seja frouxidão. O governante deve usar da benevolência como os médicos da medicina, ultrapassando as arduidades.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico
IMPOSSIBILIA SUPERAT

Gravura aberta a buril, sem assinatura.
Empresa Vigésima Oitava: a um aceno de São Bento anda o ferro a nado, pelas águas de um pego.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo segundo, Lisboa: João Galvão, 1690, p. 371.

O Príncipe com a brandura vence impossíveis: justifica-se esta verdade com o milagre, que obrou o Príncipe dos Patriarcas fazendo nadar o ferro, sobre as águas de uma lagoa.



Impossibilia Superat. – Supera o impossível.

TOMO II

[EMPRESA VIGÉSIMA NONA]

Um elefante exhibe quer a tromba, quer uma das presas.

O elefante é cumpridor na execução dos trabalhos que o seu adestrador lhe manda fazer.

Assim os governados devem colaborar e ajudar os governantes, que devem exercer o seu cargo sem severidade e sem atropelo das leis.

O governador tem de cumprir o que ordena.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico

PAREO QUOD PRÆCIPIT

Gravura aberta a buril, sem assinatura.

Empresa Vigésima Nona: por obedecer ao mandado de São Bento caminha Santo Amaro pelas águas a pé enxuto, para livrar a São Plácido, que perigava nelas.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo segundo, Lisboa: João Galvão, 1690, p. 382.

Obrigaçāo dos súbditos é obedecer sem reparo: doutrina a que os persuade Santo Amaro, entrando a pé enxuto pelas águas de um pego sem reparar no perigo.



Pareo quod præcipit. – Cumpre o que ordena.

TOMO II

[EMPRESA TRIGÉSIMA]

Uma jarra com cinco flores, das quais apenas uma é cortada e retirada.

As flores são retiradas da natureza quer pela sua beleza, quer pela sua fragrância. As que congregam em si as duas qualidades são as primeiras a ser cortadas. Porém, depois de colhidas, podem conservar a beleza mas perderem o cheiro.

O governante deve trabalhar para aspirar ao mais alto, embora saiba que pode suscitar todas as invejas.

Deve lembrar que o humilde tem como qualidade a inveja, dado que tudo quer sem trabalho. Sente inveja aquele que não consegue deixar nome e que, sem trabalho, deseja alcançar a estima.

Quia olet: porque cheiram foram escolhidas; ao perderem o cheiro traem. Perde o poder o que não mantiver as suas qualidades.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico

QUIA OLET

Gravura aberta a buril, sem assinatura.

Empresa Trigésima: solicita um clérigo, matar a São Bento com veneno.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo segundo, Lisboa: João Galvão, 1690, p. 395.

A inveja descarrega o golpe, onde reconhece mais prendas: razão por onde o sacerdote Florêncio intentou dar a morte ao Santo Patriarca.



Quia Olet. – Porque cheira.

TOMO II

[EMPRESA TRIGÉSIMA PRIMEIRA]

Dois montes vizinhos: um arde com o fogo; do outro jorra uma nascente de água.

Água e fogo são dois elementos opostos que não conseguem coabitar. A água purifica-se com a terra e com o ar; o fogo tem uma ação contrária.

A República alimenta-se com as virtudes espirituais (ar) e temporais (terra), tal como a sabedoria (a água). A sensualidade e a luxúria são representadas pelo fogo que, em demasia, podem levar à destruição da ordem e da República.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico

NEQUEUNT PARITER

Gravura aberta a buril, sem assinatura.

Empresa Trigésima Primeira: vendo Florêncio frustrada a sua maliciosa astúcia, persuadiu sete mulheres depravadas, que entrassem dentro da cerca do Mosteiro, onde o Santo habitava; e com desonestos movimentos e palavras provocassem os monges a atos impúdicos: desenvoltura que obrigou ao Santo Patriarca, junto com um aviso, que teve do Céu, a se ausentar de Subiáco para o Monte Cassino, acompanhado de dois anjos, e seguido de três corvos, que ordinariamente lhe assistiam.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo segundo, Lisboa: João Galráo, 1690, p. 407.

A lascívia não sofre a companhia de virtude alguma: motivo que obrigou a São Bento a ausentar-se de Subiáco, persuadindo Florêncio a sete mulheres depravadas, entrassem dentro da cerca do mosteiro.



Nequeunt pariter. – Igualmente incapazes.

TOMO II

[EMPRESA TRIGÉSIMA SEGUNDA]

Um braço com um torniquete enquanto uma lanceta abre uma veia com saída de sangue.

Numa época em que se acreditava que a libertação de sangue de uma pessoa ajudava quer no diagnóstico, quer na solução da doença, era normal que se defendesse a sangria. O bom ou o mau temperamento humano manifestava-se, então, no bom ou no mau sangue que o médico observasse.

O sentido da empresa é lembrar que a lanceta tem apenas a finalidade de ajudar a indiciar quer o mal, quer o bom, que atinge o ser humano: vingança e clemência são o mal e o remédio quer para o cidadão, quer para o governante.

Pelo uso de um se vê a utilidade do outro.

FOLHA SEGUINTE:
cabeção alegórico
INDICAT ÆGRETUDINEM

Gravura aberta a buril, sem assinatura.
Empresa Trigésima Segunda: castiga Deus a maldade de Florêncio, e chora o Santo Patriarca sua desastrada morte.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo segundo, Lisboa: João Galvão, 1690, p. 424.

Em se compadecer dos males de seu inimigo mostra o Príncipe a generosidade do seu ânimo: como o Príncipe dos Patriarcas o singular espírito de sua santidade, chorando o desastrado sucesso com que Deus castigou o seu inimigo Florêncio.



Indicat Ægretudinem. – Mostra doença.

TOMO II

[EMPRESA TRIGÉSIMA TERCEIRA]

Um campo com erva e uma flor; no firmamento um Sol radioso e uma Lua, em crescente, no horizonte.

O principal sinal da empresa é para os opostos. Lembrar que, sem as trevas da noite, não seria dado valor à Luz, embora seja diferente a Luz libertada pela Lua, da luz libertada pelo Sol. Ambos são fontes de Luz, mas alternam-se. Tudo está sempre em movimento; nada tem um lugar fixo.

Se prata e ouro tivessem a mesma estima, não era necessária a existência de dois metais valiosos. Também não seria necessária a variedade de flores e de frutos se todos os frutos, e se todas as flores, tivessem o mesmo sabor e o mesmo encanto, beleza e cheiro.

Ao governador o estatuto de Sol; aos conselheiros o estatuto de Lua.

Cada um tem a sua função. Assim o governador deve considerar que é salutar a existência de opiniões diversificadas para formar um governo abrangente. Quanto mais diversificada for a origem dos seus colaboradores, mais competente se pode revelar o produto do seu trabalho.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico

NON IN UNA SEDE MORANTUR

Gravura aberta a buril, sem assinatura. Empresa Trigésima Terceira: chegou o Príncipe dos Patriarcas ao pé de Cassino, e antes de subir ao monte, o fez um anjo; e da parte de Deus mandou a um santo ermitão, que nele habitava, desocupasse aquele sítio, porque outro amigo de Deus o vinha ocupar.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo segundo, Lisboa: João Galvão, 1690, p. 433.

Devem os Príncipes repartir os lugares conforme o talento, e mérito do sujeito: sagrada política, com que o Altíssimo influi nas operações de seus servos, mandando um Anjo ao monte Cassino, antes que o Santo Patriarca subisse a ele; e que da sua parte dissesse a um santo ermitão, que nele vivia, que largasse o posto, porque outro seu mimoso subia a ocupá-lo.



Non in una Sede morantur. – Não se demoram num só lugar.

TOMO II

[TRIGÉSIMA PRIMEIRA - EPÍLOGO]

Um Sol radioso constitui o único elemento da empresa.

Basta apenas um Sol para «apagar» todas as estrelas e todos os astros do firmamento.

O bom governador deve conseguir congregar, em si, todo o apoio. Deve saber mandar, deve dar bom exemplo, pois só assim consegue ser respeitado por todos, mesmo por aqueles que possam expressar ideais diferentes dos seus.

Ser «como Luz que aclara e confirma a razão» [tomo II, p. 446]. Deve governar pelo mérito.

FOLHA SEGUINTE:

cabeção alegórico

SOL QUIA SOLUS

Gravura aberta a buril, sem assinatura.

João dos Prazeres, *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. Tomo segundo, Lisboa: João Galvão, 1690, p. 446.

São Bento em levar a presidência pelo mérito, mostrou que era como o Sol na primazia.



Sol quia Solus. – Sol, porque só.



BIBLIOGRAFIA

ABREU, Ilda Soares de - *Simbolismo e ideário político*. Lisboa: Estar Editora, 2000.

ALBUQUERQUE, Martim de - «Simbolismo e ideário político em Portugal no séc. XVII. Notas a propósito de Fr. João dos Prazeres, o príncipe dos patriarcas e o abecedário real» / Na lógica do tempo: *Ensaios de História das Ideias políticas*. Coimbra: Coimbra Editora, 2012, p. 7-43.

AMARAL Jr., Rubem - «Portuguese emblematics: an Overview» / *Mosaics of Meaning Studies. Portuguese Emblematics*, Luís Gomes (ed.). Glasgow: Glasgow Emblem Studies, Volumen 13 (2008), p. 1-20.

ARAÚJO, Filipa Medeiros - «O Alcance simbólico das aves nos emblemas de frei João dos Prazeres» / *Avanços em literatura e cultura portuguesas. Da Idade Média ao século XIX*. Santiago de Compostela: Através Editora, 2012, p. 63-88

BERNAT VISTARINI, António & John T. CULL - *Enciclopédia de emblemas Espanhóis ilustrados*. Madrid: Ediciones Akal, 1999.

CACHEDA BARREIRO, Rosa Margarida - «O Príncipe dos Patriarcas S. Bento: ejemplo de virtude para el buen gobierno» / *Barroco Iberoamericano: identidades culturais de un imperio*. Carme López Calderón, Maria de los Ángeles Fernández Valle & Maria Inmaculada Rodriguez Moya (Coord.), vol. I. Santiago de Compostela: Andavira Editora, 2013, p. 17-30

CHEVALIER, Jean & Alain GHEERBRANT - *Dicionário dos símbolos*. Lisboa: Editorial Teorema, 1994.

CIRLOT, Juan-Eduardo - *Dicionario de símbolos*. Barcelona: Editorial Labor S.A., 1981.

DIAS, Geraldo Coelho - «Frei João dos Prazeres, O. S. B.: A polémica monástica e a literatura emblemática» / *Revista de História*, 2. Porto: Centro de História da Universidade do Porto, 1979, p. 351-364.

DIAS, Geraldo Coelho - «O Mosteiro de Tibães e a reforma dos beneditinos portugueses no séc. XVI» / *Revista de História*, 12. Porto: Centro de História da Universidade do Porto, 1993, p. 95-133.

GARCÍA ARRANZ, José Júlío - *Ornitología emblemática. Las aves en la literatura simbólica lustrada en Europa durante los siglos XVI y XVII*. Cáceres: Universidad de Extremadura, 1996

GARCÍA ARRANZ, José Julio - «Unos emblemas monásticos en azulejos: el programa jeroglífico de la iglesia conventual de Nossa Senhora do Terço, en Barcelos (Portugal)» / *Quintana*, n.º17, 2018. ISSN 1579-7414. p. 191-213.

LANDWEHR, John - *French, Italian, Spanish an Portuguese Books of Devices and Emblems 1534-1827. A Bibliography*. (Bibliotheca Emblematica VI). Utrecht: Haentjens Dekker & Gumbert, 1976.

MEDEIROS, Filipa - «*Vt illustriores Maneant*. Simbologia, tradição e originalidade do astro-rei nos emblemas de Frei João dos Prazeres» / *Palabras, símbolos, emblemas: Las estructuras gráficas de la Inmaculada Osuna & Víctor Infantes* (eds.). Turpin Editores S.L.; Sociedad Española de Emblamática, 2013, p. 351-364.

MORUJÃO, Isabel - «Emblemas e Problemas em *Aves ilustradas em avisos*» / *Emblemática y religión en la Península Ibérica (Siglo de Oro)*. Ignacio Arellano e Ana Martínez Pereira (eds.). Madrid: Universidad de Navarra, Iberoamericana-Vervuert, 2010, p. 283-301.

PRAZERES, Fr. João dos - *Abecedario Real e Regia Instrução dos Príncipes Lusitanos, Composto de 63. Discursos Politicos, & Moraes*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes, 1692.

PRIETO, M. Helena Ureña - «A emblemática de Alciao em Portugal no século XVI» / *O Humanismo Português (1500-1600). Primeiro Simpósio Nacional*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1988, p. 435-461.

REFERÊNCIAS

1747 – Barbosa Machado = Diogo Barbosa MACHADO – *Bibliotheca Lusitana Histórica, Crítica e Cronologica*, Tomo II. Lisboa: of. Ignacio Rodrigues, 1747.

1860 – Inocêncio = Inocêncio Francisco da SILVA – *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo IV e X. Lisboa: Imprensa Nacional, 1860 e 1883.

1922 – Azevedo-Samodães = José dos SANTOS – *Catálogo da importante e preciosissima livraria que pertenceu aos notaveis escritores e bibliófilos Condes de Azevedo e Samodães*, segunda parte. Porto: Tip. da Empresa Literária e Tipográfica, 1922.

1940 – Ávila-Perez = Arnaldo Henriques de OLIVEIRA – *Catálogo da Riquíssima Bibliotheca Victor M. d'Avila Perez*, leilão 79, 5.º catálogo. Lisboa: Antiga Livraria Manuel dos Santos, 1940.

1996 – JADias, Craesbeeck = João José Alves DIAS – *Craesbeeck: uma dinastia de impressores em Portugal*. Lisboa: Associação Portuguesa de Livreiros Alfarrabistas, 1996.

2005 – Arouca = João Frederico de Gusmão C. AROUCA – *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVII*, letras M-R. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2005.

2007 – ARepública = *Catálogo das Obras impressas nos séculos XV a XVIII: A coleção da Biblioteca da Assembleia da República*, vol. II. Lisboa: Assembleia da República, 2007.

FICHA TÉCNICA

CATÁLOGO

TEXTOS

João José Alves Dias

COORDENAÇÃO:

João José Alves Dias

João Carlos Oliveira

Paula Granada

Maria Paula Faria

Helena Medeiros

DOCUMENTAÇÃO:

Biblioteca Passos Manuel

EDIÇÃO

Divisão de Edições

REVISÃO

Susana Oliveira

DESIGN

Margarida Cunha

FOTOGRAFIA

Carlos Pombo

PRÉ-IMPRESSÃO E IMPRESSÃO

ACD Print

ISBN

978-972-556-742-5

TIRAGEM:

1.000 exemplares

Lisboa | outubro 2020

© Assembleia da República. Direitos reservados, nos termos do artigo 52.º da lei n.º 28/2003, de 30 de julho.

www.parlamento.pt

AGRADECIMENTOS:

Biblioteca Nacional de Portugal [Luís Sá];

Manuela Régo;

Nuno André.

A partir de outubro de 2017, a Biblioteca da Assembleia da República passou a ser designada Biblioteca Passos Manuel.

Trabalho realizado no âmbito do protocolo entre a Assembleia da República e o Centro de Estudos Históricos – Universidade Nova de Lisboa

